



Edição e organização
Nicoly Oliveira Rocha
Luiza Diniz

Um bocado temporal

led: BARULHO

Matheus

Marcos Vinícius Canallo
Costa

OXOX
RAILLA

Flavia

Stephane ✧
✧

ALEXANDRA
LISE

Caibete

AYESKA

JULIA

Memel

Larissa F.

Mrs. PIRE'S
MARACARA

Júlia
Lima ↓

Luis
Borges

Xoxoxo
XOXO

BEBEL

Fere!

Alexandra R. Leite • Ana Luisa Bortoloto • Ayeska
Rafaela • Bebel Souza • Calebe Sala • Clara Cecília
• Emanuely Pires • Evelyn Muniz • Fernanda
Morais • Fiuza • Flavia Lima • Gabriel Teixeira
• Gabriel Farias • Júlia Coelho • Júlia Lima • Júlia
Mehanna • Kiara Viveiros • Larissa Alvarez •
Larissa Primo • Letícia Mizerani • Luiza Benac •
Luís Gustavo Rodrigues Borges • Luiz F. C. Ribeiro
• Marcella Matos • Marcos Vinicius Carvalho Costa
• Maria Clara Bortoluzzi • Maria Clara Castro •
Maria Clara Barros • Mateus Goulart • Matheus
Mendes • Mellissa Oliveira • Nicolý O. Rocha •
Pedro Valianti • Ráilla E. Lima • Priscila Pereira •
Stephane Freitas • Suellen Oliveira • Tayane Ferreira

Edição e organização
Nicolly Oliveira Rocha
Luiza Diniz

Um bocado temporal

led BARULHO



Sumário

- 07 *Apresentação* • Nicolay Oliveira Rocha e Luiza Diniz
- 09 *Prefácio* • James William Goodwin Jr.
- 11 Poemas
- 37 Contos
- 65 Crônicas
- 76 Receitas
- 92 Entrevistas
- 141 *Posfácio contra o fim* • José Muniz Jr.

Apresentação

Nicolly Oliveira Rocha
Luiza Diniz

Apresentamos este livro como o resultado da interação do professor José Muniz Jr. com a turma do primeiro ano do curso de Equipamentos Biomédicos de 2023 no CEFET-MG. Mais do que isso, este projeto é o desdobramento de atribuir significado às produções textuais realizadas em sala e visualizá-las como um processo de autoria.

Nesta obra, exploramos o tema “tempo” por meio de uma variedade de gêneros discursivos: poemas, crônicas, contos, receitas e entrevistas. Cada página é uma viagem íntima e reflexiva através das vivências e percepções dos jovens autores.

Ao darmos voz a essas narrativas, não apenas celebramos as habilidades literárias de alunos e alunas, mas também abrimos espaço para discutir questões cotidianas que permeiam nossa existência.

Essa coletânea nos convida a aprofundar nossa própria relação com o tempo, esse fio invisível que costura cada momento de nossas vidas, moldando nossas histórias de forma única e inesquecível. Das lágrimas às gargalhadas, das reflexões à inspiração, esta obra oferece um mergulho profundo no tecido do tempo e em suas complexidades, confirmando que não há unanimidade quando se trata do “tempo rei”.

Esperamos que cada página traga não apenas uma boa leitura, mas também inspiração para você explorar a sua própria relação com o tempo. Boa leitura!

Prefácio

James William Goodwin Jr.

Escrevo este prefácio a convite das pessoas cujos textos você lerá neste livro. Um carinhoso gesto, que muito me alegrou. Num ano letivo marcado pelas lutas constantes da educação pública, tivemos pouco tempo de convívio em sala de aula. Porém, como professor de História, sei que o tempo pode ser medido e vivenciado de diferentes maneiras. A convivência até aqui deu-me tempo de perceber como essa turma é rica, dinâmica, com fino humor e senso crítico.

O tempo, aliás, perpassa esta obra. Formas variadas da expressão escrita procuram traduzir em palavras sentimentos, percepções, invenções, inquietações sobre esta dimensão que nos marca. A tristeza da perda. A desorientação do vazio. A angústia da ansiedade. A incerteza do futuro. A perda do passado. A estranheza do desconhecido. A esperança da renovação. A beleza do cotidiano. As maravilhas do inesperado. A força da criação. A receita da vida. Textos fortes, textos suaves, textos retratando vivências pessoais ou situações imaginadas. Textos instigantes, sempre – a revelar a força e a fragilidade desse momento tão tenso e intenso da vida, a adolescência.

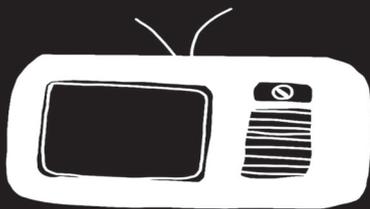
“O que vê, escreve-o num livro.” A tarefa dada ao velho João propõe, ainda hoje, inquietante desafio: revelar o que se vê, registrar como as visões de mundo nos impactam, compartilhar com outras pessoas as maneiras pelas quais buscamos interpretar o mundo

em palavras. Desafio aceito por uma turma de adolescentes, a partir da voz de um iluminado professor.

O resultado é o livro que você tem à sua frente. Que vai lhe fazer sorrir. Que vai lhe fazer chorar. Que vai lhe fazer rir chorando. E chorar, rindo. É um bocado temporal. Tome-o e devore-o: sinta sua doçura e seu amargor.

Deixe o tempo desta leitura semear outros tempos na sua vida.

Poemas



- 13 *Depois eu faço um título* • Stephane Freitas
- 15 *O pêndulo da vida* • Gabriel Teixeira
- 17 *Cacos de um espelho embaçado* • Tayane Ferreira
- 19 *Perda* • Pedro Valianti
- 20 *Onisciente* • Ana Luiza Bortoloto
- 21 *Os detalhes que perdi* • Clara Cecília
- 22 *Aquilo que nunca foi* • Fiuza
- 23 *A passagem* • Júlia Mehanna
- 24 *Rotina* • Emanuely Pires
- 25 *Memórias* • Fernanda Moraes



- 26 *O passar do tempo* • Flávia Lima
- 28 *Temporal* • Larissa Alves
- 29 *Você se foi* • Maria Clara Castro
- 31 *O que é o tempo* • Suellen Oliveira
- 32 *Faz tempo* • Mellissa Oliveira
- 33 *O duende* • Luiz F. C. Ribeiro
- 35 *Eu deixo este poema para você* • Kiara Viveiros

Depois eu faço um título

Stephane Freitas

Vou escrever um poema
Ema, emá, emá, cada um com seu problema
Ah é, o poema, o tema vai ser o tempo
Falando nisso, hoje o céu tá limpo

Voltando para o poema
Não sei sobre o que escrever
O tempo é o tema
Mas tenho muito e nada a dizer

Depois eu faço,
O depois chegou e não fiz o poema
Amanhã eu começo
O amanhã já é hoje e ainda estou no dilema

Vou pesquisar referências
Que legal, um teste para ver qual fruta eu sou!
Adoro essas tendências
E assim se foi um poema que nem começou

Vou começar o poema
Pego caderno e caneta
Penso, penso, penso
Tempo é o tema
Tento escrever um verso, essa é a meta
Tô vendo que é um desafio tenso

Vou fazer uma pausa
Encontro um caderno velho
Faz um tempo que ninguém o usa
Em sua capa tinha um escaravelho

Deixo o caderno de lado, vou na cozinha e volto
No armário encontro um pacote de biscoito
Lembro da minha tarefa inicial
Acho um quadro que fiz meio solto
Que fiz para minha mãe quando tinha oito
Ele está incompleto, não tive paciência para fazer
até o final

Volto para o quarto, não lembro o que estava fazendo
Me lembro que estava mexendo com a caneta
Pego-a e começo a desenhar
Desenho o escaravelho do caderno que estava lendo
Suas patas têm o formato de setas
E com um formato de cone faço seu lar

Algo me diz que não era isso meu dever
Tento lembrar mas não consigo
Tenho que mudar esse meu jeito de ser
Ser mais regrada e firme comigo

Lembro que havia um tema
E que eu tinha muito e nada a dizer
Não lembro o que tenho que fazer
Ah, é! O poema...

O pêndulo da vida

Gabriel Teixeira

Corre o lápis sobre o papel
Dando vida ao que era branco
A magia no olhar é como um véu
Que não deixa derramar o pranto
Um castelo de giz de cera
Como se tudo fosse uma linda fantasia
Ao entrar no mar a princesa vira sereia
É a mais linda fase a vida

A ansiedade e o medo tomam conta
Muitos trabalhos para entregar
Muitas festas para ir
Muitas oportunidades de se embriagar
É a fase em que o amor floresce
Ama muita, muita gente
Da primeira desilusão ninguém se esquece
É a primeira dor emocional que se sente

Vive a vida pelo trabalho
Trabalha para ganhar a vida
Acordar cedo, às 5:00
A mesma coisa todo dia
Não aguenta mais a rotina
Pensa o quão bom seria
Voltar a viver a velha vida
Ou melhor
Viver o sonho da aposentadoria

Depois da vida vivida
Tudo retornará ao pó
A solidão é sempre inimiga
De quem nunca quis ser só
E tudo se vai
Lembra-se dos amigos e do amor
O papel de que saía uma linda história
Torna-se uma folha em branco
Tudo vai-se embora

Cacos de um espelho embaçado

Tayane Ferreira

É que hoje uma pessoa fez eu me sentir uma criança de novo.

Lembrei da época em que eu era sensível, frágil, inocente e bobo. Tão novo.

Perdi esse menino há tanto tempo que hoje nem me reconheço, olho meu reflexo e não o acho.

Pelo contrário, vejo um garoto que está com raiva, cansado, frustrado. Sozinho.

Um estranho com memórias me encara de volta.

Não desvio o olhar.

Corri tanto dos meus pesadelos que me perdi no meio do caminho.

Me decepcionei tanto ao longo dos anos que minhas expressões mudaram.

Me decepcionei tanto, que hoje não confio nem na minha própria sombra.

Mãe, hoje, os monstros embaixo da minha cama não somem quando me escondo embaixo das cobertas.

Mãe, hoje não escondo roupas sujas. Escondo a dor que perfura meu peito e as lágrimas que escorrem pelo meu rosto toda vez que falam seu nome.

Vou continuar correndo, até que você não me assuste mais.

Vou continuar correndo, até que eu possa confiar em mim mesmo.

Vou continuar correndo, até que eu possa olhar em meus olhos e me encontrar.

Vou continuar correndo, até que eu possa me amar.
Vou continuar correndo até que o passado possa ficar
para trás.

Perda

Pedro Valianti

Você se foi.
E agora, como vou viver
Sem sua companhia?
Como você me ajudaria a lidar?
O que você me diria agora?
Quais conselhos?
O orgulho e confiança que você tinha em mim.
Sinto sua falta.

Por que teve que ir?
Deixar memórias.
Boas ou ruins.
Mas sempre marcantes.
Independente de tudo
Eu sei que você nunca mais vai voltar.
Sinto sua falta.

Onisciente

Ana Luiza Bortoloto

O que é o tempo para Você?
Nada?
É irrelevante? Indiferente?
Tu sabes tudo:
Passado, presente, futuro.
Não se preocupa;
Não se ressentir;
Mas sente, me entende.

Me disse para respeitar o tempo
Viver o momento
Me sinto presa no agora
Socorra-me!
Tu sabes tudo:
Passado, presente, futuro;
Então diga-me:
O que devo fazer?

Esperei por tanto tempo
Dias difíceis
Me disse não
Não era a hora
Mas quero já
Não me diga para esperar
Afinal, o que sabes?
Tu sabes tudo:
Passado, presente, futuro.

Os detalhes que perdi

Clara Cecília

Hoje o pôr do sol me fez pensar,
Quantos detalhes do mundo eu perdi porque só tinha
olhos para você?
E há indícios de que tudo não passou de uma miragem.
Afinal,
O tempo passa e nada muda,
Fico eu aqui estagnada nessa culpa.
Fui eu? Foi você?
Eu já não sei dizer,
Não sei mais o que fazer.
Nem mesmo o puro gosto do mais puro gin,
E nem mesmo a dose da droga mais forte
Faria-me esquecer do que se passou entre nós.
Errei,
E não sei se foi sem querer
Pensei,
Foi de propósito?
Teria eu o propósito de deixar de te amar?
Afinal,
Passou muito tempo
E percebi, no final,
Que perdi muito tempo tentando encontrar
Na pessoa que és,
A que decidi eu, criar.

Aquilo que nunca foi

Fiuza

Sempre submissa daquilo que não me deixa partir
as cartas, promessas, memórias
tudo aquilo que eu nunca consegui jogar fora

Talvez ela não queira se lembrar do que fomos
e fomos melhores do que eu consigo descrever
foi horrível pra ela lembrar
que no meu pior momento
eu nunca deixei de ser
a melhor

Pra quem nunca recebeu nada, qualquer migalha é muito
e eu fiz muito por ela
ao meu ver ela era tudo

mesmo que não tenha tido a decência
de partir meu coração de verdade

o bom caráter que pregava ao mundo
ela nunca teve na realidade
cobiçou aquilo que me pertencia
sabendo que o mesmo nunca seu seria

Descartou longos anos por uma aventura
desesperada pra ter o que eu tinha
mas o que era meu sempre foi seu
o único problema é que você nunca foi minha

A passagem

Júlia Mehanna

Como uma pedra brilhante
O tempo há de se apresentar
Tão precioso, tão intrigante
Não há como alguém duvidar

O tempo revela ironia
Ora rápido, ora lento
É libertada a agonia
Prevalecendo esse sentimento

É um sinal!
Nossa imprudência ao lhe utilizar
É um visível desaproveito

No final,
Voltar no tempo é tudo a desejar
Para fazer o que não foi feito.

Retina

Emanuelly Pires

Acordo
Levanto
Café (se tiver tempo)
Pegar ônibus (corre, ele vai passar)
Circuitos
Português
História
Comer
Estudar (de novo, de novo)
Esportes (se tiver tempo)
Banho
Jantar (?)
E se tiver tempo,
Dormir para tudo de novo, de novo...

Memórias

Fernanda Morais

No tempo as memórias se fazem eternas,
Há memórias boas como aquelas que nos fazem querer
 recordar,
E tem aquelas que fazemos de tudo para esquecer e
 culpamos o tempo de isso não acontecer na hora que
 queremos

Mas o tempo não tem pressa,
Não tem hora marcada,
Ele simplesmente acontece

O passar do tempo

Flávia Lima

Às vezes o tempo
Passa devagar.
Outras vezes,
Não para de passar.

O que é bom
Dura pouco.
O que é ruim
Parece durar.

Conto as horas
Para ficar em casa.
O final de semana
Que é bom
Demora a chegar.

Quando chega,
Abro os meus olhos
E já é segunda.
O fim de semana
Foi-se embora.

Se estou me divertindo,
O relógio quero parar.
Se estou triste,
Quero o tempo apressar.

Às vezes,
Queria controlar a hora.
Para decidir quando
O tempo vem
Ou vai embora.

Temporal

Larissa Alves

Estagnado em frente ao mar
O azul parece infinito
As ondas cantam sem parar
O tempo aparenta estar bonito

Não me refiro ao temporal
E sim ao tempo que sentes
Como as águas que chegam ao litoral
E nos meus pés são recorrentes

Sinto no meu interior uma poeta
Fugi de uma rotina de fadiga
Uma praia onde nada me afeta
Tenho medo que o tempo me siga

Vejo a chegada de uma tempestade
Enorme tsunami em formação
O clímax ruim que chega e invade
Só deixo que a maré o leve em vão

Não se pode livrar do velho presente
Mesmo afogado, preso em uma gaiola
Memórias cruéis nadam até minha mente
Só queria esquecer que o relógio me controla.

Você se foi

Maria Clara Castro

O tempo passa
A saudade não
A saudade fica
Aperta o peito
Me sento
Me deito
Você se foi

O tempo passa
A saudade não
A saudade dói
Me machuca
Me corrói

Admito, sinto sua falta
Não é carência
Não é que eu não saiba viver sem você
Eu só não quero
Não estou pronta pra sua ausência

O tempo passa
O tempo corre
A saudade continua estática
A lágrima escorre

O tempo vira
O mundo gira

Você ao meu lado
Eu nunca estive mais feliz

Eu viro o tempo
Eu passo
Tento voltar
Mas passo
A mudança procura progresso
Eu procuro você

Te encontro
Me perco
Em você
E em mim
No tempo.

O que é o tempo

Suellen Oliveira

O que é o tempo
Se não uma convenção humana?
Ele marca os dias, os meses, os anos
O início de uma vida
O término de outra

Tempo psicológico ou cronológico,
Um elemento de uma história.
Cada personagem no seu ritmo,
No seu tempo, na sua história.

Tempo misterioso e companheiro,
Que voa rápido como o vento.
Desliza entre os dedos ligeiro.

O tempo e a poesia que se desenha
Em cada ruga do rosto maduro
E nas lembranças do coração.

É um eterno viajante,
Sempre em busca de um futuro,
Futuro este que vira presente
Que vira passado.

Faz tempo

Mellissa Oliveira

Faz tempo que não me sinto bem

Faz tempo que meu peito não fica tranquilo

Faz tempo que não tenho tempo

E tempo já faz que isso não acontece comigo.

O duende

Luiz F. C. Ribeiro

Certa vez, na Floresta de Jujubas, nascera um duende
Era feliz com seus pais, corria, brincava, pulava
E em uma de suas traquinagens, até já havia de perder
um dente
Porém havia de ter o amor de seus pais, então nada lhe
importava.

Certa vez, voltando ao lar, o duende percebe que sua
casa pegava fogo
Corre, corre o máximo que dá, mas sua casa em chamas
já está
A ficha do duende cai e logo ele percebe que também
está sem pais
Triste, isolado e sozinho, oh, pobre duendezinho!
Como viverá seus 370 anos só?
A resposta é simples: não viverá...

Pelo mundo o duende roda, atrás da felicidade
Aquele mesma que ele desfrutara quando tinha seus
pais
Por 150 anos ele vaga, com um futuro cheio de
instabilidade
Todas as noites ele chora, lembrando do passado,
Depois de tempos perdeu as forças para andar
Deitou-se no chão e ali se dispôs a ficar
Então, pronto para morrer, viu sua vida passar...

Tá acordado? São as palavras que o duende se põe a
ouvir
Assim, ele abre os olhos e vê uma elfa a sorrir
Era um grupo de viajantes: a elfa, o homem bêbado, a
anã e o gigante
Estavam à procura da Floresta das Jujubas em uma
expedição
— Eu sou de lá.
— Você pode nos levar?
— Não posso não — respondeu o duende.
Ignorando as palavras dele, eles o puxam de forma
deselegante!

Era um grupo com criaturas loucas, exageradas e
exaltadas
“Loucos de pedra”, o duende pensou, mas com o tempo
ele se acostumou
E na Floresta das Jujubas chegou a expedição
Com a elfa ele se pôs a gritar, e com a anã a cantar
Com o bêbado ele se dispôs a beber e com o gigante a
correr
Então, como a sua última realização
O Duende se dispôs a sorrir...

E então ele sorriu.

Eu deixo este poema para você

Kiara Viveiros

Eu deixo este poema para você
Nos sutis raios de sol quentes que sempre se
 movimentam ao seu chegar
Por baixo daqueles que tentam te contar
E restringir sua grandeza e vastidão
Porque quem realmente deleita de sua passagem
Não precisa de ponteiros ou números para te perceber
Te sente na pele, na ínfima mudança, no crescimento
 mais tênue que se possa perceber
O seu delicado e presente passar.

Eu deixo este poema para você
Sob todas as luas que variam ao seu transitar
Bem perto do lugar onde seus pés incontroláveis
 vêm a pisar
Deixando folhas secas caírem
Para que na sua volta, vistosos frutos e flores
 possam vir.

Eu deixo este poema para você
Nas pétalas delicadas de belas rosas que crescem
 ao seu atravessar
Nos frutos saborosos que maduram ao seu andar
Nas coisas que vivem mas que morrem
Em tudo que mudou, muda e mudará.

Eu deixo este poema para você

Para você que nos faz viver à sua mercê
Para você que nos faz viver e morrer
Para você que nem sempre podemos entender
Eu deixo este poema para você.

Contos



- 39 *Alice dentro de casa* • Nicoly Oliveira Rocha
- 42 *Ampulheta* • Letícia Mizerani
- 44 *Luta constante* • Júlia Coelho
- 45 *Estrela* • Priscila Pereira
- 46 *Com carinho, velha infância* • Marcella Matos
- 48 *Lembranças do passado* • Maria Clara Barros
- 50 *O jovem relógio* • Matheus Mendes
- 52 *O relógio esquecido* • Alexandra R. Leite
- 54 *Sempre o mesmo dia* • Bebel Souza
- 56 *O viajante sábio e o vale da vida* • Gabriel Farias



58 *Tempo precioso* • Mateus Goulart

60 *Tempo, tempinho, tempão* • Maria Clara Bortoluzzi

62 *O dia quebrado* • Marcos Vinicius Carvalho Costa

Alice dentro de casa

Nicolly Oliveira Rocha

Era uma vez uma casa. E uma criança. E três adultos. E uma adolescente.

Era uma vez uma família que vivia numa casa.

Todos os dias, as pessoas da casa saíam às 7 horas da manhã para trabalhar ou estudar, por mor de fazer algo útil da vida.

Todos os dias, as pessoas da casa chegavam às 19 horas da noite em casa.

Todos os dias, a criança contava o seu dia para os avós e a mãe e a tia.

Todos os dias, a criança era respondida com sequidão e desinteresse.

A cada dia a criança perdia um pouco mais a vontade de contar e falar as coisas à família.

Até que um dia, a criança decidiu investigar de onde vinha tamanha hostilidade por parte de sua família. Será que era uma energia maligna? Ou assombrações cobriam a casa de forças ruins?

A menininha decidiu descobrir por si só. Procurou por dias e dias, mas nada encontrou.

Até que, em meio aos seus sonhos, à noite, ouviu uma voz. Decidiu segui-la e deparou-se com uma figura humana que tinha mais ou menos entre 6 e 92 anos de idade.

A figura lhe disse:

— Daqui a um segundo, te conto qual a maldição de sua avó.

A menina piscou e a voz lhe disse:

– A maldição da sua avó é uma corrente.

– Como assim? – espantou-se a menina

– A maldição da sua avó é uma corrente que a prende ao passado. Ela não consegue se desvencilhar das águas que já correram por sua vida.

A garotinha ficou pensativa, mas antes de questionar a figura, ela a interrompeu:

– Daqui a um minuto, te contarei qual a maldição do seu avô.

A criança fixou os olhos no relógio que viu na parede e a cada segundo que passava, parecia ter passado anos. Estava quase desistindo quando a voz falou:

– A maldição do seu avô é um grão de areia.

– Como assim?

– Só resta um grão de areia e ele sabe, mas não quer assustá-la.

– Um grão de areia onde?

– Daqui a uma hora lhe conto a maldição da sua mãe – disse a figura, ignorando-a.

A garota passeou por vários sonhos até que a voz lhe gritou e ela retornou ao quarto com o relógio.

– A maldição da sua mãe é uma esteira.

– Como assim?

– Ela sente que não pode parar de caminhar, ou vai cair. Mas se ela não parar, a esteira desliza.

– Muita coisa ao mesmo tempo? – perguntou a menina.

– Isso mesmo – respondeu a voz, emendando. – Daqui a um dia, lhe conto qual a maldição de sua tia.

– Um dia? Mas um dia é muito!

– Não se for um dia feliz.

A menina acordou com o despertador, foi para a escola às 7 horas da manhã e retornou às 19 horas da noite. Foi um longo dia.

Logo deitou-se e quando conseguiu dormir, a voz lhe contou:

– A maldição de sua tia é uma engrenagem.

– Qual engrenagem?

– A da vida mesmo.

– Mas como assim?

– Ela não se permite errar porque acha que tudo que ela fizer vai impedir o sistema de funcionar lá na frente. Ela só esqueceu que tem que ter um número par de engrenagens para dar certo. Ela precisa de ajuda.

– Tá bom. E a minha maldição? – questionou a criança

– A sua é uma página em branco, se você cortar as correntes, deixar os grãos de areia caírem, andar na sua esteira, no seu tempo e tiver alguém pra te ajudar a montar o sistema, você quebra a maldição.

– Mas como eu faço isso?

– Você vive o presente. Do jeito que deve ser.

– E as maldições da minha família? Quem quebra?

– Aí já não é com você.

A menina acordou para mais um dia, mas dessa vez tinha uma pessoa a menos na casa, seu avô. E todos estavam tristes e desolados quando a menina disse, com os olhos cheios de lágrimas:

– Deixem os grãos de areia caírem.

Ampulheta

Letícia Mizerani

06:15, 15 de junho, segunda-feira. Sr. Marcos Dias levanta-se. É preciso trabalhar. Alimenta os cachorros e se prepara para sair. Usa o elevador e, ao chegar à portaria, passa depressa pelo porteiro, que diz:

— Grande dia, Sr. Marcos.

Não responde. Não há tempo para conversar. Hoje é seu primeiro dia trabalhando em uma gráfica de calendários.

08:00, segunda-feira. Marcos Dias conhece o escritório onde pretende passar longos anos trabalhando a favor do tempo, contando os dias para a sua aposentadoria.

12:37, segunda-feira. Sr. Marcos Dias gostaria de almoçar, mas há muito trabalho a ser feito. Engole seco e mantém o foco.

18:00, segunda-feira. É hora de ir embora. Marcos Dias sequer usou o banheiro ou telefonou para sua esposa. Trabalhou incessantemente. É preciso descansar.

20:00, segunda-feira. Na sala escura do apartamento da família Dias, é possível escutar apenas o ruído da televisão. Sra. Dias estava sozinha assistindo ao documentário. No quarto, os roncos de Marcos Dias ecoavam. Adormeceu assim que chegou em casa e sequer falou com a esposa.

Os dias passam e a rotina é a mesma. O porteiro não insiste mais, Marcos Dias emagrece e a relação com a esposa esfria.

Dia ??? Marcos Dias desperta. Ao abrir os olhos, percebe não estar em casa. As paredes estão arredondadas e o chão parece se mover. Quando se prepara para levantar, sente grãos de areia sob seus pés. Deita-se novamente e olha para o teto ilustrado com fotos e documentos. Em uma das paredes, há uma espécie de balança marcando um valor que diminui a cada minuto.

Dia ??? Cansado de esperar o “pesadelo” acabar, Marcos Dias se põe de pé para observar de perto as fotos coladas no teto. O conjunto de imagens e datas marcam momentos importantes da sua vida. Seu aniversário, o nascimento de seus sobrinhos e o dia 15 de junho: seu casamento.

Marcos Dias esteve refém do tempo durante todos esses meses e se esqueceu da data mais importante de sua vida.

Dia ??? O homem queria conseguir sair daquele lugar e desculpar-se com a esposa, mas sabia que era tarde. As horas passaram e ele se deu conta de que a balança na parede na verdade era um relógio que marca quanto tempo ainda resta até completar 24 horas.

Marcos estava dentro de uma ampulheta e quando o último grão de areia caiu, a ampulheta foi virada. Pouco a pouco, Marcos foi sendo esmagado pela areia e morreu assim: sufocado pelo tempo.

Luta constante

Júlia Coelho

Quando fiz 16 anos, no ápice da minha adolescência, tendo uma vida inteira para viver, fui diagnosticada com uma doença que poderia tirar a minha vida a qualquer momento e o que me restava era aproveitar cada segundo intensamente.

Depois da notícia, o tempo se tornou o meu bem mais precioso. Eu olhava para o céu e pedia, com toda a minha fé, para que os dias tivessem mais horas e que eu pudesse ter ao meu lado, a cada momento, as pessoas que eu amava.

Sentia um desespero enorme, pois eu constantemente pensava que, com o passar dos dias, minha hora de partir estava mais próxima. O meu medo dessa hora chegar era constante.

Mesmo o tempo sendo minha maior preciosidade, eu também precisava lutar contra ele, com medo e incerteza, mas com a vontade de viver e desfrutar das curiosidades do mundo que eu nunca havia explorado antes.

O dia chegou, infelizmente, em pouco tempo. Não pude viver tudo que eu queria, porém não fui insatisfeita, mas realizada. Consegui viver nesse pequeno período mais do que vivi em 16 anos. Sem desperdiçar nenhum segundo, pois faz falta. Lembre-se que o tempo é seu maior bem, mas não vale esquecer que também pode ser seu maior “inimigo”, porque com ele você sempre terá uma luta constante.

Estrela

Priscila Pereira

Sempre teve um amor enorme por ela, desde pequena. Aquelas lembranças ficaram para sempre em sua memória, desde as aulas inusitadas de canto na volta da escola, até uma estrelinha entregue em seu aniversário.

Era uma pessoa difícil de lidar, com seus vícios e manias, mas, apesar de tudo, era uma ótima companheira. Demonstrava ser uma pessoa forte, determinada, mas sabemos: quem tem vícios, tem problemas. Confusões e desentendimentos começaram a fazê-la mais distante. Não sabia dizer se ela sempre foi assim ou se o tempo a fez assim.

Em um dia, receberam a notícia de que Tia Mara havia falecido. Mas como? Ela estava tão bem... eram muitas perguntas para poucas respostas. O dia foi cinza, o tempo — que a levou tão cedo — não passava. Um dia se transformou em uma hora. Uma hora se transformou em dias e dias viraram semanas, e finalmente esse dia acabou.

Com carinho, velha infância

Marcella Matos

A vida é um livro que não conseguimos compreender. Com Camilla não foi diferente. Uma infância conturbada, cheia de traumas.

No dia 14/07/2017, quando havia acabado de completar seus 8 anos de idade, o pior presente apareceu: sua mãe, com o telefone em mãos, com os olhos cheios de lágrimas, informou o falecimento de sua avó Rita.

Choros de emoção se transformaram em desespero, e a vela que antes comemorava um recomeço passava a ser uma ponte entre dois mundos distintos, para que a avó pudesse ir em paz.

Camilla, aos prantos, pegou seu diário e começou a escrever, sem pensar muito em frases bonitas ou que fizesse algum sentido, apenas colocando pra fora o desespero que saltava em seu peito.

No diário não dava pra entender com clareza, mas era nítida a decepção com sua infância, aliás era diferente das outras. A menina não entendia o motivo pelo qual sofreu tanto em tão pouco tempo.

Em seu texto Camilla fala que não saberia viver sem a avó, mas que infelizmente era assim. Com essa notícia, Camilla se despedia de sua infância e dava olá para a mocidade.

Ao final do diário a menina se despede, e então coloca o diário junto às roupas de sua avó, que foram doadas. O objeto acabou chegando às mãos de uma

menina, que, a partir dali, começou a lê-lo e, com o passar do tempo, percebeu que alguém também partilhava da sua dor.

Lembranças do passado

Maria Clara Barros

Estava a caminho do trabalho, passando pela rua Sócrates Alvim, quando encontrei um senhorzinho chamado Seu Joaquim e sua netinha Luiza.

Cumprimentei os dois, mas logo me despedi, pois não poderia me atrasar para o trabalho. Até que uma breve conversa entre os dois me fez parar e prestar atenção.

Luiza pedia calmamente ao seu avô que comprasse aquela boneca da vitrine da loja em frente à qual estávamos parados. Seu Joaquim dizia a ela que nunca esteve à venda.

Olhei para a boneca e, em um estalar de dedos, voltei para meu passado, onde estávamos eu, Maria, juntamente de minha avó, Iracema, e outros familiares, nesta mesma rua e parados em frente a essa mesma loja. Uma bela fita vermelha com um laço dourado enfeitava a fachada da loja. Vovó estava com uma tesoura prateada entre os dedos e, no rosto, um sorriso largo e bonito. Suas bochechas enrugadas e rosadas de blush se enchiam por conta do enorme sorriso. Um sonho estava prestes a se tornar realidade: sua filha mais nova, Maria das Graças, tinha decidido abrir uma loja em sua homenagem.

Após vovó cortar aquela fita, a felicidade se estampou no rosto de todos que a cercavam.

Logo ela me trouxe uma linda boneca, que todos diziam ser parecia comigo. Tinha o mesmo tom de mi-

nha pele, cor do cabelo e dos olhos castanhos escuros.

Ela me disse: “Querida, essa conquista é nossa, pegue essa miniatura de você e coloque na vitrine para que todos que te conhecem e passem por essa rua vejam o quanto eu te amo, essa será minha maior prova de amor em vida a ti”. Fiz o que ela me pediu e, mesmo sendo criança, fiquei emocionada com sua homenagem.

Me despertei do transe com os olhos lacrimejando e, me lembrando das palavras de minha agora falecida avó, percebi que na verdade a maior prova de amor que ela me deixou em vida foi conviver 15 anos ao meu lado. E mais especial que isso, a honra de fazermos aniversário no mesmo dia e mês, 17 de agosto.

Me abaixei do tamanho da pequena Luiza, contei toda a história daquela boneca na vitrine para ela, que ficou encantada. Já passado do meu horário de serviço, decidi me apressar. Me despedi novamente dos dois e fui em direção ao trabalho.

Percebi que mesmo depois de anos sem a presença física dela aqui, ainda mantenho as lembranças com minha avó em meu coração. Guardo-as com carinho, da forma que ela sempre me pediu em vida.

Amarei-a eternamente!

O jovem relógio

Matheus Mendes

Era uma vez um relógio. Ele contava e contava sem parar. Entretanto, não sabia o porquê de fazer isso, por isso pensava qual era o propósito de tanta conta e desconta. Então decidiu ir perguntar para o seu pai, um relógio mais velho, que há anos já contava.

Ao se aproximar de seu pai, o relógio disse:

— Pai, por que que eu tenho que contar sempre?

O pai respondeu ao seu filho:

— Você conta para marcar o tempo.

O jovem relógio curioso fez outra pergunta:

— O que é o tempo?

O pai riu e disse que, com o passar das contagens, ele iria descobrir.

Intrigado pelo que o pai disse, o jovem relógio saiu de casa à procura de respostas. Então foi perguntando às pessoas na rua sobre o tempo.

Durante a sua peripécia, o relógio recebeu várias e várias respostas. Cada uma delas deixava o pequeno mais confuso. Alguns falavam que era a passagem dos minutos, outros falavam dos segundos, já alguns falavam que significava envelhecer, outros, amadurecer.

Então, ainda mais confuso, o jovem se encontrou com um antigo relógio de sol e perguntou:

— Senhor, o que é o tempo?

— Você não sabe o que é o tempo?

– Eu não! Quando eu perguntei, cada um me deu uma resposta.

– Bem, o tempo não é nada mais do que as oportunidades que você tem para aproveitar e realizar o máximo de atitudes que deem valor à sua vida.

Ao ouvir isso, o menino relógio ficou muito feliz e passou a viver cada contagem.

O relógio esquecido

Alexandra R. Leite

Num canto de uma velha casa abandonada, havia um relógio comum, como qualquer outro, que nunca parava de girar. Mesmo estando jogado naquele canto por tanto tempo, ele girava, dia e noite, com vento, com chuva e com sol, girava e girava sem parar.

Um dia, um menino, passando em frente à casa, ouviu um barulho, estranhou e quis olhar o que era. Conferiu se a casa realmente estava vazia e entrou. Ao entrar, ouviu aquele barulho de novo e o seguiu. Andou por alguns cômodos, até que chegou ao relógio. O menino, muito encantado pelo relógio, passou a admirar o jeito como ele funcionava apesar de tudo e ali ficou observando-o por um longo tempo. Intrigado e querendo entender o porquê daquilo, ele visitava o relógio todos os dias e ficava olhando como os ponteiros giravam, o pequeno, o grande, os números.

Mas algo ainda intrigava aquele garoto. Angustiado com aquele sentimento, ele desistiu de visitar a casa, mas nunca parou de pensar como era o tempo do relógio. Se perguntava “Por quê? Por quê? Por quê? Como ele funciona? Por que ele nunca desliga? Não para? Só gira, gira, gira...”

O garoto cresceu e, ao visitar sua antiga cidade, passou em frente a essa casa e lembrou de tudo, dos seus gostos e de suas dúvidas, mas agora ele sabia responder: “O tempo não para nunca e não tem por quê. Às vezes passa lento, às vezes passa rápido,

quase parando ou muito veloz... O tempo é assim, não tem explicação, o tempo é um só, mas é único para cada um". Aquele pequeno menino, agora grande e inteligente, com o passar do tempo, entendeu que o tempo não passa igual para ninguém, mas que tudo passa com o passar do tempo.

Sempre o mesmo dia

Bebel Souza

Era uma vez um reino onde o tempo nunca passava. Não havia noites nem dias, nem vento que soprasse. Tudo permanecia estático, como se a vida tivesse parado num momento indefinido e eterno.

As árvores não cresciam, as folhas nunca caíam e os pássaros permaneciam imóveis em seus ninhos. Nem mesmo a água dos rios fluía: estava parada, estagnada como tudo mais.

As pessoas que ali viviam eram prisioneiras do tempo, sem passado nem futuro. Elas acordavam todas as manhãs no mesmo dia de sempre, com as mesmas atividades de sempre. Não havia nada a fazer, nenhum projeto a realizar. Tudo estava sempre igual, estático e sem vida.

Mas certo dia, um jovem corajoso decidiu questionar o tempo. Ele não conseguia mais suportar a monotonia do seu dia a dia e decidiu sair para explorar o desconhecido, ver se descobria o porquê de viver sempre no mesmo dia. Ele não sabia o que esperar, mas estava determinado a encontrar uma maneira de viver além daquele lugar parado. Ele tinha a esperança de que, além daquela cidade, existiria um mundo inteiro a ser descoberto, um lugar onde havia dia e noite, onde as águas dos rios fluíam, as árvores cresciam e as folhas caíam.

O jovem viajou por dias, protegendo-se do sol escaldante e da noite fria. Ele não sabia o que encontra-

ria, mas continuava sua busca por algo que pudesse mudar o seu mundo, algo revolucionário que iria melhorar a vida dos cidadãos.

Finalmente, após muitas caminhadas e aventuras, o jovem encontrou uma fada mágica. O jovem, logo que viu a fada, perguntou se ela poderia mudar o tempo. Ela lhe contou que o segredo para mudar o tempo estava dentro de si mesmo, e que tudo o que ele precisava era encontrar a coragem para enfrentar o desconhecido.

O jovem ficou pensativo, sem saber como poderia mudar tudo o que estava à sua volta. Mas a fada lhe mostrou que, ao mudar sua própria vida, ele poderia começar a mudar o mundo à sua volta e, assim, o tempo mudaria também.

E com essa nova perspectiva, o jovem começou a mudar suas atitudes e, aos poucos, as pessoas ao seu redor também começaram a fazê-lo. Gradualmente, as flores começaram a desabrochar, o sol passou a brilhar com mais intensidade, a água dos rios começou a fluir novamente, as árvores cresceram e os pássaros começaram a cantar.

Assim, o tempo finalmente começou a passar no reino. Os dias, as noites, as estações do ano e todo o resto que havia sido interrompido começaram a fluir novamente. A vida recuperou seu ciclo natural e as pessoas finalmente puderam viver cada dia como se ele fosse único e irrepetível.

O jovem ficou feliz em saber que tudo o que eles precisavam era de um novo olhar e uma nova atitude sobre o tempo, e que, com isso, podiam viver em um mundo muito mais alegre e cheio de vida.

O viajante sábio e o Vale da Vida

Gabriel Farias

Era uma vez uma cidade chamada Vale da Vida. Nessa cidade, havia um grande relógio que ficava no centro de tudo. Ele era usado por todos na cidade. Nesse lugar, parecia que o tempo passava diferente: as pessoas sempre corriam contra o relógio. Era possível ver a pressa e o desespero no rosto das pessoas.

Do dia para a noite, o tempo parecia se encolher. As crianças viravam adultos em um piscar de olhos. Feriados anuais, como o Natal, pareciam acontecer uma vez por mês.

Com o tempo apressado, os moradores daquela cidade começaram a ficar preocupados.

Até que um dia um viajante aparece. Parecia sábio. Ele foi alertado sobre o estranho fenômeno, mas o que ninguém esperava era que ele já sabia do que se tratava.

O Viajante convidou os moradores a se reunirem no grande relógio. Ele queria revelar o que estava por trás daquilo tudo.

— Atenção, me escutem! Eu sei que vocês estão desesperados com isso tudo, mas eu tenho a solução. Eu sou um antigo morador desta cidade, me mudei porque não consegui me adequar a esse ritmo. Fiquei a minha vida inteira tentando solucionar esse problema e descobri que um dos moradores controla o tempo aqui. Eu percebi que somente aqui o tempo é dessa forma, apressado.

Um dos moradores começa a chegar perto do viajante sábio e diz:

— Ora, ora. Meus parabéns por desvendar o mistério. Sou eu que controlo tudo isso.

Os moradores olharam assustados para o sujeito que dizia controlar o tempo. O viajante, querendo saber o porquê de tudo aquilo, pergunta ao morador:

— Me diga por que e como você fez isso esse tempo todo. O que está querendo com isso?

— A resposta é simples: eu não tenho poder e nem nada do tipo, eu simplesmente fiz com que o grande relógio girasse mais rápido. Fiz tudo isso porque desde pequeno eu via as pessoas desperdiçando o tempo que tinham, elas não aproveitavam nada. Apenas trabalhavam e trabalhavam, como se a vida fosse somente isso. Eu pensei que se eu “adiantasse” o tempo que vocês tinham, vocês iriam dar mais valor para ele. Mas não. Vocês insistiram em ficar desesperados.

Os moradores começaram a sentir raiva do sujeito e quiseram bater nele, mas o viajante o defendeu e concordou com ele: as pessoas daquela cidade não sabiam valorizar o tempo que tinham. Os moradores entenderam aonde o sujeito queria chegar com tudo aquilo e pediram desculpas.

Depois disso, todos naquela cidade começaram a viver de forma diferente, estavam mais calmos, mais alegres. Aproveitavam o tempo que tinham.

Tempo precioso

Mateus Goulart

Era uma vez, em uma pequena cidade, um jovem chamado Daniel. Ele gostava muito de histórias de viagens no tempo e passava horas lendo livros sobre o assunto. Um dia, enquanto explorava o sótão de sua avó, ele encontrou um antigo relógio de bolso. Curioso, Daniel percebeu que havia algo diferente naquele objeto.

Sem que ele soubesse, aquele relógio era mágico. Quando Daniel o abriu, um brilho intenso tomou conta do ambiente e, de repente, ele se viu em um lugar completamente diferente. O menino havia voltado cem anos no tempo e estava no meio de uma belíssima rua antiga.

No início, ele ficou chocado e confuso, mas logo percebeu que havia realizado o seu maior sonho: viajar no tempo. Então, decidiu explorar a época e aprender um pouco mais sobre aquelas histórias.

Daniel estava maravilhado com a cidade. Ele adorou aquele lugar. Visitou vários pontos, conheceu várias pessoas. Até que um dia, conheceu a Elisa, uma jovem cheia de sonhos e que amava ler. Os dois se tornaram amigos e compartilharam suas paixões pela leitura e pelo conhecimento. Com o passar do tempo eles descobriram que a conexão que havia entre eles ultrapassava todas as barreiras do tempo.

Mas, como todas as coisas boas, a jornada de Daniel naquele tempo chegou ao fim. Ele sabia que era

preciso voltar ao seu próprio tempo, então se despediu de Elisa e prometeu se lembrar sempre de todos os momentos que passou com ela. Com o relógio em mãos, ele desejou retornar ao presente.

Quando abriu os olhos novamente, ele estava na casa de sua avó. Embora sentisse saudade de Elisa, sabia que aquele havia sido um presente preciso. Anos se passaram depois daquele acontecimento, mas Daniel sempre guardou tudo no seu coração. Ele se tornou um escritor talentoso e dedicou suas palavras ao amor e à importância de aproveitar os momentos.

Tempo, tempinho, tempão

Maria Clara Bortoluzzi

Era uma vez um menino que vivia contando o tempo. Contava os segundos, minutos, horas, dias, meses...

Sua mãe sempre lhe dizia:

— Pare de me apressar, Joãozinho, não tem problema chegar alguns minutos atrasado...

Mas de nada adiantava: todas as tarefas de Joãozinho eram extremamente cronometradas. Nem adiantado, nem atrasado, sempre na hora certa. Ele se frustrava muito por qualquer atraso.

Na escola era tudo no horário em ponto. Com os amigos, não aceitava atrasos e mesmo se estivesse se divertindo e seu horário para fazer outra coisa começasse, ele iria embora, o que atrapalhava seus colegas e amigos.

Seus pais, então, decidem levá-lo para passear uns dias com seu avô e sua avó no interior, para que ele aprendesse uma lição valiosa para sua vida.

Ao chegar lá sua avó pediu que lhe entregasse seus inúmeros meios de contar o tempo: relógios, cronômetros... A obsessão era tão extrema que até uma ampolheta Joãozinho tirou da mochila.

Ela foi até o quarto e guardou tudo em uma caixinha com cadeado, enquanto seu avô o chamou para pescar.

Joãozinho aceitou, mas enquanto seu avô se arrumava para ir e sua avó se distraiu, ele entrou no quarto, pegou a caixinha e ficou procurando a chave do tal

cadeado. De nada adiantou, porque pouco depois sua avó chegou e o pegou no flagra:

— Menino, deixe de ser sistemático! A vovó quer o seu bem, meu netinho. Dê essa chance e viva uma tarde sem cronometrar seu tempo!

Joãozinho se comoveu com as tentativas da avó.

Então, os três decidiram ir juntos para a pescaria e, na volta, fizeram um lindo bolo de fubá e tomaram café tranquilamente.

Ao escurecer, Joãozinho ficou surpreso. Não acreditou que havia passado tanto tempo.

Assim, ele percebeu que a contagem do tempo é importante, mas mais importante é viver o tempo e aproveitar os momentos com quem amamos.

Assim, Joãozinho viveu a vida para sempre com mais leveza.

O dia quebrado

Marcos Vinicius Carvalho Costa

Isabela Alessandra viverá feliz para sempre porque sempre chegará pontualmente para o horário da aula de história. A professora já tinha combinado na semana que vem que a aula da semana passada seria sobre a evolução dos cliques de papel ao longo dos milissegundos. Já fazia alguns milênios que esse era o assunto preferido de Isabela, e por isso, no seu aniversário de 15 anos e meio, que foi amanhã, o tataraneto da sua irmã mais velha lhe deu de presente um livro ilustrado sobre o assunto.

Antes de mais nada, Isabela começará o seu dia dormindo, como todo mundo faz, ou pelo menos deveria fazer. Quando acordar, perceberá que haverá parado de dormir muito cedo, pois ainda serão duas da tarde, e a aula só terá sido uma semana atrás. “Mas a escola fica tão longe e eu estou tão cansada do meu aniversário de amanhã...”, pensará Isabela Alessandra.

Então se lembrará: “Eu encontrei uma resposta sobre como chegar lá sem me cansar no meu livro!”. Mas então se esquecerá: “Eu só recebi ele amanhã...”. O único jeito de encontrar seu livro para poder ir à escola era esperando, e não havia jeito melhor do que fazer isso dormindo!

Isabela voltará para a cama e dormirá por 7 dias, acordará no mesmo horário de sempre, mas desta vez estará descansada e poderá ir para a aula sobre

clipes de papel pontualmente, que será uma semana atrás. Depois da aula, já se sentirá cansada por conta do seu aniversário de amanhã, e voltará a adormecer por 168 horas. Quando levantar, ainda estará exausta por conta da festa do dia seguinte, e tornará a descansar por 604800000 milissegundos. E assim foram e serão uma, duas, três, quatro, ..., seiscentas e quatro milhões e oitocentas mil vezes.

O FIM

ou apenas o começo?

Crônicas



- 67 *Piloto automático* • Ayeska Rafaela
69 *Máquina do tempo* • Calebe Sala
70 *Respiração* • Evelyn Muniz
72 *O tempo não para e a vida continua* • Júlia Lima
73 *Período* • Luiza Benac
74 *Ontem* • Ráilla E. Lima

Piloto automático

Ayeska Rafaela

Sabe quando você se sente perdido? Totalmente desmotivado? Ou até mesmo vivendo no “modo automático”? Ora, todo mundo já se sentiu assim alguma vez. São muitas as possibilidades para se tornar alguém tão desmotivado, mas parece haver situações que facilitam a sua própria ruína. Como no dia em que observei alguns estudantes na saída da escola. Uma garota chamou minha atenção; ela tinha cabelos tingidos da cor de um morango e usava o uniforme completo da instituição.

Era por volta das 18:30 e a garota saiu pelos portões da grande universidade andando devagar, mas muito devagar. Ela estava com a cabeça baixa, parecia exausta. Poderia imaginar que todo aquele cansaço e desânimo fosse por algum problema familiar, talvez suas aulas fossem pesadas demais, mas, na realidade, o problema era a mente da jovem. A ruiva se sentia um desastre em todas as áreas de sua vida, sentia que nunca iria conseguir se formar, que estava perdendo sua juventude e, aos poucos, sua família. Ela queria viajar o mundo, socializar, queria poder abraçar seus pais mais vezes, talvez sorrir mais. Mas como?

Foi quando algo chamou sua atenção no celular. Naquele momento eu não sabia, mas ela havia recebido uma pequena mensagem da coordenadora estudantil, era um lembrete da psicóloga da instituição. Todos reconheciam as dificuldades de um jovem

adulto estudante, era um convite para uma roda de apoio. Quem participaria de algo assim no final de semestre? Era loucura! Porém, a ruiva achou a ideia interessante. Reconhecia a necessidade desse cuidado, mas se negava a procurar ajuda.

Aquela simples decisão, naquele ponto de ônibus, em frente a uma das universidades mais bem faladas do país, mudou a vida da jovem. Ela descobriria a grandeza daquele momento no futuro ou talvez nunca a reconhecesse. As pessoas em seu entorno nunca descobririam aquele momento; afinal, elas estavam presas e preocupadas demais com seus próprios problemas. Mas aquela mensagem acendeu uma chama dentro da estudante, deu-lhe uma pequena esperança e, por um bom tempo, aquela roda de apoio lhe acolheu e ofereceu um conforto nos dias que pareciam impossíveis de vencer.

Naquele dia, eu aprendi que para tudo há uma solução, que eu precisava encontrar uma pequena chama, uma faísca que fosse, para continuar no caminho dos meus sonhos.

A ruiva aprendeu que não precisava superar todas as dificuldades da vida sozinha, ela havia encontrado boas pessoas, ela ainda tinha uma família que a amava e compreendia. No final, não havia tempo ou juventude perdida; ela ainda teria muitos anos para conhecer o mundo. Passou a abraçar seus pais todos os dias, e por último, mas não menos importante, ela com certeza havia de dar muitos sorrisos por essa vida.

(Música de inspiração: *Piloto Automático*, Supercombo)

Máquina do tempo

Calebe Sala

Num instante, percebi que nada se comparava à saudade que eu sentia dela. Nada me fazia feliz quando eu não a via. Triste e desamparado, fui desabafar com meu amigo João:

— O tempo passa tão devagar, mas com ela passa tão rápido. Ela é como uma... uma máquina do tempo.

— O tempo é apenas uma criação humana. É relativo. Quando crianças, pensamos que o tempo é um aliado, mas passamos a perceber que ele é nosso pior inimigo. Ele rouba nossa força, nossa beleza, nosso vigor. Ele machuca quem não sabe como se comportar perante ele. Aproveite os momentos bons, por causa da felicidade que eles nos trazem, mas desfrute também dos momentos ruins: eles são os momentos de maior aquisição de conhecimento que podemos ter. O tempo nos transforma. Você precisa ter coragem para enfrentar essa transformação.

— Sim, mas ainda dói.

— O tempo machuca. Muito. Ele faz você duvidar de si mesmo. Faz você perder a sua felicidade e pode até mesmo te fazer pirar. Você escolhe se quer lutar contra ele ou se juntar a ele.

Indignado com as falas de João, percebi que era real. Desisti de tentar sustentar meu orgulho bobo e fui aproveitar a vida sem medo das consequências. A vida é muito curta para nos preocuparmos com o que os outros pensam. Temos pouco tempo. Muito pouco tempo.

Respiração

Evelyn Muniz

Uns dias atrás eu parei para pensar: a respiração é algo tão banal, mas tão essencial ao mesmo tempo! Nós respiramos de forma constante e nem notamos, mas se ela falha ou muda o seu ritmo, percebemos na hora! É como se tivesse um compasso a ser seguido, e quando ele se modifica, é um alerta de que há algo de errado.

A respiração, juntamente com a inspiração, tem um tempo certo para suceder, e em algumas situações acontece de forma divergente. Uma delas é quando perdemos o controle, em uma crise de ansiedade, por exemplo, o coração acelera, a mão começa a suar, o ar falta e não dá para respirar normalmente, foge do nosso ritmo. Outro exemplo é a singela morte, o coração simplesmente para, sem data marcada. Uma outra ocasião um pouco diferente é quando nós, como seres racionais e impotentes, resolvemos tomar o controle da nossa respiração, e tudo ao redor desaparece, só existe você e o seu pulmão. Sua missão é fazer a respiração mais controlada possível; ir rápido, devagar, prender, soltar, nós temos o controle. Nós.

Se bem que, se por alguma razão resolvemos parar de controlar a respiração e tentar focar em outra coisa, o nosso cérebro não funciona, e agora você tem um vírus, qualquer coisa que tentar pensar vai retornar à maldita respiração que você, com seu autodomí-

nio único, resolveu controlar. E no fim, nós não temos o controle de nada, nem da nossa própria vontade de controlar o mísero ato de respirar.

O tempo não para e a vida continua

Júlia Lima

A vida caiu em uma rotina e quando eu percebi eu estava apenas sobrevivendo, fazendo as mesmas atividades, vendo os mesmos lugares e nunca me sentindo realmente viva.

Passaram-se anos nessa rotina sem fim... Quando me dei conta, já estava adulta, com novas responsabilidades, e o tempo passando cada vez mais rápido. Comecei a perceber que não dava valor aos mínimos acontecimentos do dia a dia e fui reparando que eu deixava muitos detalhes passarem despercebidos.

Os anos passavam e os meus amigos já estavam com a vida completa, com suas famílias formadas e vivendo com alegria. Eu continuava parada no tempo e sempre com medo dele — o tempo.

Depois de perceber tudo isso, comecei a aproveitar mais a vida e dar mais valor para cada momento. Reparei em coisas que nunca tinha notado e minha rotina ficou menos tediosa.

Muitas vezes eu culpei o tempo por ele ser corrido, mas na verdade era eu quem estava correndo dele.

Período

Luiza Benac

Quando o pé bate no chão, uma, duas, três vezes, é que fica claro como realmente se sente. Se sente impaciente. Que perda de tempo. Talvez devesse ter passado no supermercado antes. Confere o relógio, checa a fila. Que demora...

Volta a pensar que poderia estar fazendo algo mais importante, produtivo. Quem sabe cozinhar?

Não, esquece. Não tem a quem oferecer uma refeição, o namorado foi embora há duas semanas.

Jardinagem era uma boa! (Exceto pelo fato de que descobriu uma alergia à terra faz uns três meses.) Pensando bem, deveria ter estudado para aquele vestibular quando teve a chance. Talvez, se tivesse tirado aquela carteira de motorista, sua mãe não precisaria entrar no táxi que capotou. Poderia ter feito aquele curso de primeiros socorros. Ah, se tivesse mais uns vinte anos...

O alarme toca. É estridente e pontual. Os ponteiros estão se sobrepondo. A fila, porém, continua igual. Se pergunta quantas daquelas pessoas têm todo esse tempo livre e quantas delas estão igualmente ansiosas.

Ouve alguém chamando seu nome. Droga. Espera que o doutor tenha boas notícias.

Ontem

Ráilla E. Lima

A vida é composta por vários ontens.

Desde o dia seguinte ao meu nascimento, alguma coisa aconteceu ontem. Dormi pela primeira vez logo no meu primeiro ontem, aprendi a andar alguns ontens depois, corri pela primeira vez ontens depois, e tudo isso foi acontecendo sem que ao menos percebesse o quão rápido tudo passava.

Nós não vemos o quanto mudamos a cada dia. Todo dia eu me vejo igual a ontem, mas então por que toda vez que olho uma foto de vários ontens atrás percebo que algo mudou? E por que toda vez que penso no meu futuro me imagino tão diferente, sendo que quando ele ocorrer eu vou estar a poucos ontens de distância da minha eu de hoje?

Alguns ontens atrás eu odiava matemática, hoje — que vai ser ontem amanhã — aqui estou eu, em um curso totalmente de exatas descobrindo que a eu de ontem estava equivocada quando disse que não iria usar matemática para nada na vida, que não é necessário usar física no dia a dia e que quem criou a química deveria se fuder muito na vida (bom, dessa parte eu ainda não discordo).

Parando para pensar, nós somos seres totalmente hipócritas. Todo dia mudamos nosso modo de ser, de viver, de agir, de falar, de nos vestirmos, de nos comportarmos... não podemos nos levar a sério nunca! Quando eu era mais nova, dizia que queria ser bis-

pa. Hoje não sei nem o que quero comer na hora do almoço.

Por que a minha eu de ontem era muito mais decidida que a minha eu de hoje? Por que ao invés de evoluir nós começamos a retroceder conforme os nossos ontens aumentam? E por que nossas responsabilidades aumentam se o que nos resta de tempo só diminui?

Receitas

- 78 *Receita para matar o tempo no câmpus*
Clara Cecília, Gabriel Teixeira, Larissa Alves
e Suellen Oliveira
- 79 *Receita para dar tempo ao tempo*
Mateus Goulart, Matheus Mendes,
Maria Clara Bortoluzzi e Julia Lima
- 80 *Receita para sobreviver a 3 anos de Cefet*
Luiza Benac, Luiz F. C. Ribeiro, Pedro Valianti
- 82 *Receita para adolecer sem surtar*
Ayeska Rafaela, Júlia Coelho, Larissa Alvarez,
Marcella Matos e Maria Clara Barros
- 84 *Receita para ser brasileiro no século XXI*
Ana Luisa Bortoloto, Flávia Lima
e Priscila Pereira



- 85** *Receita para o tempo render*
Fernanda Morais, Gabriel Farias,
Julia Mehanna e Melissa Oliveira
- 86** *Receita para um mundo menos apressado*
Luís Gustavo Rodrigues Borges, Marcos Vinicius
Carvalho Costa e Bebel Souza
- 88** *Receita para uma amizade duradoura*
Emanuely Pires, Kiara Viveiros, Nicolý Oliveira
Rocha, Tayane Ferreira e Fiuza
- 90** *Receita para esquecer as mágoas*
Alexandra R. Leite, Letícia Mizerani
e Maria Clara Castro
- 91** *Receita para enfrentar uma fase difícil*
Evelyn Muniz, Ráilla E. Lima e Stephane Freitas

Receita para matar o tempo no câmpus

 2 horas

 5 a 10 minutos

 Fácil

Ingredientes

- 4 pessoas (amigos, de preferência)
- 1 baralho
- 2 xícaras (chá) de conhecimento básico sobre truco
- No mínimo, uma oca vazia
- Um frasco de spray para a garganta

Modo de preparo

1. Junte as 4 pessoas.
2. Leve-as até a oca.
3. Distribua o conhecimento básico sobre truco até ficar uniforme.
4. Retire as cartas de número 8, 9 e 10 do baralho.
5. Distribua três cartas do baralho para cada amigo.
6. Comece a jogar.
7. A cada 5 minutos, borrife um pouco de spray de garganta para ajudar durante o jogo.

Observação: caso o último passo não seja executado devidamente, todos os envolvidos estarão sujeitos a uma semana inteira de rouquidão.

Receita para dar tempo ao tempo

▶ Para a vida toda

🕒 O tempo que levar

🧩 Fácil

Ingredientes

- 3 kg de paciência
- 3 colheres de confiança
- 1 dose de sanidade
- 4 xícaras de fé
- 1 xícara de planejamento
- 1 kg de responsabilidade
- 300 g de serenidade

Modo de preparo

1. Despeje todos os ingredientes aos poucos no seu dia a dia.
2. Ofereça e distribua para as pessoas à sua volta.
3. Consuma diariamente.

Receita para sobreviver a 3 anos de Cefet

 De 10 a 12 porções

 De 1 a 3 dias

 Quase impossível

Ingredientes

- 1 xícara de rotina de estudos
- 1 colher (chá) de sono regular
- 2 colheres (sopa) de estabilidade mental e emocional
- 1 pitada de vida social fora do CEFET
- Uma boa dose de autoconhecimento
- Amigos dentro da instituição (a gosto)
- Uma rede de pesca

Modo de preparo

1. Distribua em camadas a rotina de estudos e o sono regular (experimente maneiras diferentes de executar esse passo e observe qual a forma mais confortável e funcional para você).
2. Manipule com cuidado (para não evaporar muito rápido) as colheres de estabilidade mental e emocional e misture com a dose de autoconhecimento. Essa é uma etapa muito importante da receita, pois influenciará diretamente na percepção dos seus limites e no seu futuro no CEFET.
3. Os amigos são essenciais e a quantidade é definida por quem segue a receita (lembrando que nem sempre quantidade é igual a qualidade). É impossível seguir uma caminhada tão longa, cansativa e desafiadora sem eles ao nosso lado.
4. A pitada de vida social fora do CEFET entra agora. É

importante que essa fase da sua jornada não seja resumida apenas às conquistas e decepções dentro do colégio. Portanto, é aliviante ter amigos do lado de fora para ir ao cinema, almoçar bem longe do bandejão ou até mesmo ir à pracinha.

5. Por fim, use a rede para pescar as oportunidades que o Centro Federal irá proporcionar. É dentro dele que vamos traçar nosso futuro, planejar os próximos passos das nossas vidas e alcançar nossos objetivos.

Receita para adolecer sem surtar

▶ De 4 a 6 porções

🕒 De 2 a 3 dias

♣ Razoável

Ingredientes

- 10 kg de autoconfiança
- 5 litros de compaixão
- ½ xícara de respeito
- 800 gramas de amizades verdadeiras
- ¼ de xícara de distração
- 200 ml de momento familiar
- 2 litros de responsabilidade
- 600 g de autorreflexão
- ½ litro de bom humor
- 900 ml de persistência e resiliência
- 1 kg de discernimento
- 1 colher (sopa) de esperança

Modo de preparo

1. Comece o preparo com autoconfiança, para que assim você possa passar pelo processo sem se culpar tanto.
2. Misture a compaixão com o bom humor e adicione aos poucos as amizades verdadeiras e a autorreflexão.
3. Mexa muito bem, juntando o momento familiar e o discernimento visando alcançar uma consistência sólida.
4. Acrescente a responsabilidade, a persistência e a resiliência.
5. Caso se sinta esgotado, não se rotule como fraco e, ao precisar de ajuda, procure um profissional. Este momento da sua vida é muito importante para o desenro-

lar do seu futuro, então deixe a mistura descansar até se sentir preparado para encarar o restante do processo.

6. Logo em seguida, adicione um pouco mais de compaixão. Prove para ver se está ficando bom. Se não estiver do seu agrado, misture um pouco mais de autoconfiança e bom humor.

7. Alterne conscientemente entre a responsabilidade e a distração.

8. Adicione a esperança.

9. Cozinhe em banho-maria até atingir os seus 18 anos ou até perceber que nada te afeta mais, atingindo assim a proposta da receita.

Receita para ser brasileiro no século XXI

 Um século

 15 dias

 Difícil

Ingredientes

- 1 xícara de paciência com a inflação
- 2 colheres (sopa) de atenção com a COVID-19
- 3 kg de indignação com o valor do salário mínimo
- 1,5 litro de indignação com o preço dos alimentos
- 900 ml de paciência com o desemprego
- 3 colheres de consciência ambiental
- 1 pitada de posicionamento político
- 350 ml de amor por cachorros caramelo
- ½ xícara de gosto pelo calor

Modo de preparo

1. Adicione em um cidadão a paciência com o desemprego, a consciência ambiental, a paciência com a inflação, juntamente com a indignação com o salário mínimo e com o preço dos alimentos.
2. Deixe descansar por no mínimo 7 horas.
3. Após descansar bem, adicione uma pitada de posicionamento político.
4. Para adoçar, acrescente o amor por cachorrinhos caramelo e o gosto pelo calor (porque vai precisar).
5. Por fim, adicione a atenção com a COVID-19.

Receita para o tempo render

 Para a vida toda

 21 dias

 Moderado

Ingredientes

- 4 xícaras de organização
- 25 colheres (sopa) de foco
- Toda a procrastinação que você tiver
- 800 ml de responsabilidade
- 750 g de calma
- 10 doses de rotina
- 100 ml de concentração

Modo de preparo

1. Jogue toda a procrastinação na lixeira.
2. Em uma tigela, adicione a organização, estabelecendo os seus horários e compromissos.
3. No mesmo recipiente, adicione o foco e a responsabilidade, ingredientes extremamente importantes para a resolução de tarefas e problemas.
4. Acrescente a calma e a rotina. Afinal, tirar um tempo para relaxar e se divertir é essencial para o bem-estar.
5. Misture todos os ingredientes e disponha a massa em uma forma (que por acaso é você mesmo). Como cobertura, priorize as tarefas e tenha concentração.
6. Repita o processo por 21 dias, o tempo necessário para se adaptar a um novo hábito.
7. Deixe-se descansar e verá que sua rotina está mais organizada e o seu tempo está rendendo.

Receita para um mundo menos apressado

 365 porções

 8 horas

 Fácil

Ingredientes

- ½ xícara (chá) de essência “Pense duas vezes”
- 100 kg de gente lerda
- 3 colheres (sopa) de paciência
- 1 pitada de pensamentos perfeccionistas
- 2 litros de chá de camomila
- Autocuidado a gosto

Modo de preparo

1. O primeiro passo é chamar alguma dona de casa da vizinhança para te ajudar a escolher o jogo de chá mais lustroso e em conta no antiquário de sua cidade.
2. Borrife a essência “Pense duas vezes” no jogo de chá escolhido para ter certeza que ele é o melhor para te servir.
3. Ponha um caneco no fogo com uma porção de paciência e perfeccionismo e mexa bem.
4. Convide seu amigo mais calmo e meticuloso para vir para sua casa estrear com você o seu novo jogo de chá.
5. Aguarde a chegada do seu amigo durante cerca de 2 horas (aproveite o tempo livre para dispor as peças do jogo cuidadosamente sobre a mesa e postar uma foto da arrumação em todas as redes sociais).
6. Quando ele chegar, conversem um pouco, riam juntos e, depois, peça para ele terminar o resto da receita para você, preparando os dois litros de chá de camomila.

- 7.** Especifique que é para uma ocasião especial.
- 8.** Deixe-o refogar, cozinhar, misturar, assar e rechear o chá do jeito que ele quiser para que o resultado final o satisfaça.
- 9.** Enquanto isso, descanse um pouco.
- 10.** Quando ele terminar, beba todo o chá, fique ainda mais relaxado e descanse novamente (você merece).

Receita para uma amizade duradoura

▶ 2 porções

🕒 O tempo que tiver disponível

🧩 Muito difícil

Métodos mais fáceis

1. Cativoiro
2. Suborno ou chantagem
3. Dívida de jogo
4. Sequestro

Caso não consiga nenhum dos métodos acima, apele para a receita tradicional.

Ingredientes

- 15 conchas de gentileza
- 2 bacias de confiança
- 1 dose de coragem
- 35 canecas de dedicação
- 1 balde de comunicação clara
- 1 teco de maturidade
- 12 kg de honestidade
- Muito, muito tempo
- Amor a gosto
- Ao menos um amigo

Modo de preparo

- 1.** Despeje em uma bacia grande a confiança, a coragem e a honestidade, e misture até se sentir seguro.
- 2.** Misture a gentileza, a dedicação e a comunicação em um recipiente e dê ao amigo para experimentar.
- 3.** Una as duas misturas em um caldeirão e aqueça-o com abraços quentinhos.
- 4.** Deixe crescer por muito, muito tempo.
- 5.** Tempere com um teco de maturidade e amor.
- 6.** Chame o amigo e aproveite!

Receita para esquecer as mágoas

▶ Serve até 8 bilhões de pessoas

🕒 Varia de pessoa para pessoa

🧩 Varia de pessoa para pessoa

Ingredientes

- 3 amigos verdadeiros
- Família a gosto
- 5 abraços longos e calorosos (frios ou rápidos demais estragam a receita)
- 1 cobertor de algodão macio
- ½ barra de chocolate da sua preferência (pode ser substituída por qualquer outro alimento que influencie na produção de serotonina, dopamina ou endorfina, mas não recomendamos nada ilegal)
- 1 pitada de sorrisos
- 1 sofá confortável
- 5 almofadas

Modo de preparo

1. Com muito diálogo, extraia os conselhos dos 3 amigos e da família. Reserve na mente e deixe descansar.
2. Acrescente os abraços, a barra de chocolate, almofadas e o cobertor.
3. Misture todo o conforto produzido por amigos com o bem-estar e a segurança de estar em um sofá quentinho.
4. Leve todos os ingredientes ao forno da mente até que as mágoas evaporem e o sentimento de acolhimento cresça.
5. Quando estiver pronto, decore com sorrisos e sirva em grandes porções.

Receita para enfrentar uma fase difícil

▶ 1 porção

🕒 Gaste o tempo que for necessário, vai ficar tudo bem

🧩 Difícil

Ingredientes

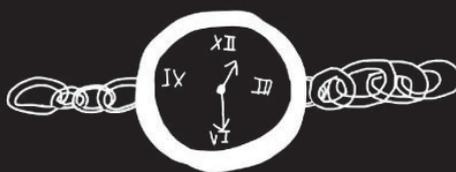
- 1 xícara de humor quebrado
- ¾ de xícara de paciência
- Um “cadim” de sentimentos à flor da pele
- Bastante água
- Hobbies* a gosto

Modo de preparo

1. Em um recipiente (você), coloque bastante água (afinal, manter-se hidratado é muito importante) e adicione a paciência.
2. Adicione aos poucos o humor quebrado, pois rir de seus problemas é uma ótima forma de superá-los. Tempere essa mistura com *hobbies*.
3. Com a mistura pronta, coloque para fora os sentimentos angustiantes (recomenda-se o choro, mas é opcional).
4. Coloque a mistura em um lugar confortável (cama, sofá ou outros) e deixe descansar pelo tempo que achar necessário.
5. Após o descanso, a receita estará pronta. Porém, caso queira, pode adicionar amigos da maneira que achar melhor.

Entrevistas

- 94 *“Abraça que isso aqui é um futuro!” • Entrevista com Carlos da Silva Oliveira (Carlão)*
Júlia Coelho, Marcella Matos, Maria Clara Barros e Ayeska Rafaela
- 97 *“Nós nos tornamos escravos do cronômetro que criamos” • Entrevista com Denise Maria Ribeiro Tedeschi*
Gabriel Teixeira, Suellen Oliveira Costa, Marcos Vinicius Carvalho Costa, Luiza Benac e Larissa Alves
- 101 *“O jovem pode ampliar sua perspectiva de futuro” • Entrevista com Janaína Godinho*
Ana Luisa Bortoloto, Flavia Lima e Priscila Pereira
- 105 *“O tempo é o senhor de todas as coisas” • Entrevista com Nayara Liz Almeida Prazeres*
Fernanda Moraes, Júlia Mehanna, Larissa Alvarez, Maria Clara Castro e Pedro Valianti



- 112 *“Temos que respeitar nossos limites, nosso tempo”* • *Entrevista com Pamela Larissa Evelyn Muniz, Stephane Freitas e Ráilla E. Lima*
- 119 *“Essa vida não é pra mim, meu futuro não é aqui!”* • *Entrevista com Rita Rosa Alexandra R. Leite, Júlia Lima, Letícia Mizerani, Maria Clara Bortoluzzi e Mellissa Oliveira*
- 122 *“Acredito sempre que as coisas vão melhorar”* • *Entrevista com Sady Antônio dos Santos Filho Gabriel Farias, Mateus Goulart e Matheus Mendes*
- 125 *“Não importa o que você faça, tudo vai morrer!”* • *Entrevista com Sidney Maia Araújo Calebe Sala, Emanuely Pires, Kiara Viveiros, Nicolly Oliveira Rocha e Tayane Ferreira*
- 130 *“Todas as dificuldades são passageiras”* • *Entrevista com Vicente de Paula Mendes Bebel Souza, Fiuza, Luiz F. C. Ribeiro e Luís Gustavo Rodrigues Borges*

*"Abraça que isso aqui
é um futuro!"*

Entrevista com Carlos da Silva Oliveira (Carlão)

Carlos da Silva Oliveira, mais conhecido entre nós como Carlão, é um funcionário muito querido que trabalha no CEFET-MG há mais de 10 anos. Ele nasceu em 31/07/1965, na cidade de Simonésia (MG), e morou também em Ipatinga (MG), até finalmente se mudar para Betim (MG). Nesta entrevista ele compartilha um pouco de suas experiências e de sua dedicação ao trabalho.

Qual é o significado que você daria pro tempo? A palavra "tempo" te remete a quê?

O tempo pra mim é tudo... É a natureza, o modo de tratar todo mundo bem, a convivência e ter uma boa comunicação com todos!

Dentre as tantas memórias e ensinamentos que você traz consigo, você gosta de compartilhar ou prefere guardar as coisas pra si?

Eu compartilho, sim! Tenho amizade com todos, respeito com todos, e tenho muito carinho com todos aqui. Tudo que eu faço aqui é por dedicação. Tanto que no mês de julho agora, vai fazer 10 anos que eu trabalho aqui. O CEFET-MG me ensinou muitas coisas.

E sobre a sua família? O que sua família é para você?

Eu tenho uma família ótima, ótima. Minha família pra mim é nota dez. Sem eles eu não vivo, não consigo

viver. Eu tenho uma bela família que gosta muito de mim.

Em todo esse tempo de vida, qual é a parte mais importante, aquela que te trouxe o significado do que você é hoje?

O meu trabalho. Tudo que eu faço, eu faço com muita dedicação. Eu tenho muito carinho com todos os bichos, com os professores, com os diretores e por toda a diretoria da escola. Vi muita gente crescer aqui dentro. Tem gente que começou aqui e hoje está na Fiat!

Então você diria que o CEFET-MG muda vidas?

Sim. Muda. Você só tem a crescer ficando aqui.

Desde que você começou a trabalhar aqui, o que você acha que mais mudou?

Mudou muita coisa. Tem a Mecânica aí, tem a Ecos... Antes não tinha nem enfermaria aqui para vocês. Agora vocês podem ir lá se consultar... Eu acho também que de 2013 pra cá o ensino médio avançou muito! As tecnologias são melhores. E no geral muitas coisas avançaram: a ciência, o meio ambiente... No desmatamento é que não melhorou muito, não... Tá igual ao que era antes; parece que o homem tá destruindo a natureza demais da conta e isso está nos prejudicando muito.

E durante a pandemia? Como foi?

Foi muito ruim. Nem todos conseguiram passar de ano, outros perderam uma parte grande da família. Teve muito abalo, entendeu? Se não fosse a pandemia, poderia ter sido até um momento melhor, poderia

ter sido uma época mais benéfica pra todos vocês. E a pandemia destruiu tudo... Aqui ficava muito vazio. Não tinha alegria... Foi tudo muito rápido. Um momento de destruição de famílias. Todo mundo preso em casa. E ninguém nasceu pra ficar preso daquele jeito.

Estamos finalizando agora. Tem algum conselho?
Tenho sim: abraça que isso aqui é um futuro! De coração pra vocês.

Muitíssimo obrigada, Carlão.
Deus abençoe vocês!

*"Nós nos tornamos escravos
do cronômetro que criamos"*

Entrevista com Denise Maria Ribeiro Tedeschi

Denise Maria Ribeiro Tedeschi é professora de história do primeiro ano do curso de Equipamentos Biomédicos do CEFET-MG. Ela é graduada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto e em Arquivologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, além de doutora em História pela USP. Neste breve diálogo ela revela expectativas e realidades sobre sua própria vivência e expõe uma perspectiva histórica sobre o tempo.

Como foi sua escolha pela História?

No cursinho, eu tinha um professor que já até sabia o que eu ia fazer, pois eu não gostava de exatas. Resolvi fazer História achando que, na faculdade, eu ia estudar coisas como História Oriental, História do Japão. Eu achava que ia estudar sobre os samurais, coisas completamente loucas e malucas. Fui nessa onda, mas o curso não é assim. Mesmo não sendo como imaginei, eu gostei e continuei.

Como percebe as mudanças que ocorreram da sua época de aluna do CEFET-MG até hoje, como professora?

Eu passei pelo CEFET-MG três vezes: em 2000, quando fui estudante do curso de Hospedagem (na época, o curso se chamava Turismo). Eram poucas turmas, na verdade. Acho que se o CEFET-MG tinha quatro ou cinco turmas por ano, era muita coisa. A instituição ofertava poucos cursos e era muito precarizada. Por

exemplo, não existia ainda o bandejão para todos, como é hoje. A gente tinha que comer fora, comprar na cantina ou levar comida de casa. Apesar de o ensino ser de qualidade, o CEFET-MG não tinha a estrutura que tem hoje. Então, quando eu voltei em 2012, para ser professora substituta, vi um outro CEFET-MG: com muitos professores, com 17 turmas, com graduação, pós-graduação em várias áreas etc. Os câmpus I e II cresceram muito e também o acesso para os alunos, seja com bolsas de permanência, seja com bandejão, que foi construído. O próprio campo de futebol, o ginásio, tudo isso representou um crescimento da estrutura física do CEFET-MG e do número de professores também. Depois de um período muito precário e sem investimento, a educação passou por uma transformação grande.

Diante de mudanças tão significativas, como um historiador enxerga e estuda o tempo?

Primeiro, entendemos que o tempo é uma invenção, uma construção do homem. Sendo assim, definimos que vamos observar o dia e a noite, os astros e a rotação da terra. Quando a gente considera a rotação da terra, dia e noite, contabilizamos as horas. E isso é uma forma inventada pelos seres humanos para cronometrar, matematizar esse tempo, perceber o tempo passar. Podemos dizer, então, que essa é uma forma, mas existem outras formas de pensar o tempo e como ele passa.

A ideia de usar o relógio para pensar o tempo é uma construção mais recente, que tem a ver muito com a ideia de pensar o trabalho, de organizar a vida diante de uma dinâmica em que você tem que se dedicar tantas horas, minutos, segundos. É uma conven-

ção social que permite o nosso convívio, para que o trabalho seja remunerado, para que as pessoas possam conciliar suas obrigações e se relacionarem. Então, a gente cria uma forma de matematizar o tempo para possibilitar o trabalho, o lazer... para dividir esse tempo. É como se a gente inventasse uma coisa para poder viver conjuntamente, mas outras sociedades inventaram de outra forma.

Quando estudamos sobre os astecas, os maias e os incas, notamos que eles veem o tempo de forma cíclica. Isso quer dizer que não tem um fim. O fim de um ciclo é uma renovação que faz recomeçar um novo. Sendo assim, a ideia de renovação é forte para eles. O contrário acontece com a nossa forma de contar, em que há uma certa ideia de linearidade, como se a gente fosse ver o tempo passando, e chegaríamos a um fim, que não sabemos se vai ser as trombetas lá no céu ou um fim diferente. Não faz muito sentido contabilizar o tempo como contabilizamos. Mas acho também que temos que pensar sobre o tempo de forma subjetiva. Cada um pensa o tempo de uma maneira diferente.

Para a História, como é marcado o início e o fim de uma era, de uma época?

Em termos de marcos temporais, cada sociedade pode estabelecer os seus, que serão definidos por aquela cultura. Por exemplo, uma sociedade como a França irá dotar de relevância a Revolução Francesa, que representa uma grande ruptura, uma grande transformação no contexto europeu. Sendo assim, os marcos temporais se relacionam com o que a sociedade quer valorizar. Com o passar do tempo, a importância que damos a uma determinada data ou evento

é simplesmente para dizer o que aquela sociedade entende como importante e o que deve ser marcado na história. Não necessariamente todo o grupo que vive naquela sociedade pensa dessa maneira, mas os marcos estão aí exatamente para pensar a cultura. Fomos nós que criamos esses marcos, são invenções humanas, invenções de cada cultura. A maneira de ver o tempo, a maneira de contar o tempo e a maneira de sentir o tempo são fenômenos culturais.

Qual é a influência do tempo nas relações sociais?

Quando se estabelece uma forma de contar o tempo, esse fato transforma a maneira de mediar essas relações. O tempo de aula, por exemplo, de 13h às 14h40. Depois desse intervalo de tempo, é o tempo de outra aula. Quando instituímos uma contagem tão cronometrada do tempo, se institui o horário de estudar, o horário de trabalhar, o horário de lazer, o horário de fazer a prova etc. Por fim, nos tornamos escravos do próprio cronômetro que criamos. Acredito que hoje o tempo é uma forma de estabelecer esses laços, essas relações sociais. Se não usarmos o relógio, como vamos nos organizar diariamente? Não teria como! Tudo hoje é definido por esses cronômetros que estabelecemos como convenção para um convívio social.

“O jovem pode ampliar sua perspectiva de futuro”

Entrevista com Janaína Godinho

Janaína Godinho é comissária da infância e da juventude em Ribeiro das Neves, Minas Gerais. É casada e tem dois filhos, um jovem de 24 anos e uma pré-adolescente de 11 anos. Nessa conversa, Janaína nos faz refletir sobre como o contexto social pode influenciar nossa percepção sobre o futuro.

Você poderia contar um pouquinho sobre seu trabalho?
Atuo no Tribunal de Justiça, especificamente na Comarca de Ribeirão das Neves, na Vara da Infância. Trabalhamos visando a proteção da criança e do adolescente. De forma mais pontual, atuo na coordenação da vertente externa da vara da infância, na prevenção das violências dentro das escolas públicas em Ribeirão das Neves. Além disso, divulgo, no perfil do Instagram (@jeneves_oficial), o programa criado para trabalhar na orientação e prevenção dos diversos tipos de violência contra crianças e adolescentes de Ribeirão das Neves.

Do seu ponto de vista, de uma profissional que atua perto dessa realidade, qual é o sentimento predominante desses jovens que, na maioria das vezes, têm uma condição mais vulnerável, e como geralmente eles buscam aproveitar o tempo?

O público-alvo do nosso trabalho de prevenção é o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, de escolas

públicas. Ribeirão das Neves é uma cidade da região metropolitana de Belo Horizonte em que a população enfrenta condições socioeconômicas desfavoráveis. Nesse contexto, esses jovens não têm muitas oportunidades de estudar para se preparar para uma formação posterior à escolar. Além disso, muitos não têm celular ou computador com acesso à internet, dificultando o acesso a algumas oportunidades e às possibilidades de aproveitar o tempo de forma mais produtiva. Muitas das vezes é imposto a esses jovens o cuidado com irmãos mais novos. Outras vezes, ficam com o tempo livre, jogando bola ou brincando, o que também faz parte da infância e da adolescência. Porém, comparando esses jovens com os da capital, percebe-se que eles têm poucas oportunidades de investir no planejamento do futuro, na esfera profissional.

Nesse comparativo, periferia versus capital, a visão de futuro de jovens de baixa renda difere muito da perspectiva de jovens que nasceram numa família com mais condição?

Certamente! Uma parcela significativa dos jovens de baixa renda e periféricos tem a perspectiva de trabalhar no comércio local, atuar como babá ou, por falta de oportunidades e de referências, o tráfico aparece como opção. Quando a sua família é marcada pela vulnerabilidade, tendo familiares próximos como referência, o máximo que se pode almejar é ser dono de um comércio local, um boteco por exemplo, ou trabalhar como frentista em um posto de gasolina. Além da falta de referências, a pessoa responsável pelo cuidado, que muitas vezes é a mãe, não tem condições de orientar esse jovem, pois trabalha o dia todo.

O contrário acontece quando se tem outro referencial, por exemplo, um irmão que fez o curso superior. Nesses casos, cria-se a condição de perceber naquela família outras possibilidades, como fazer um curso superior de direito, administração, pedagogia, ou às vezes prestar um concurso público. O jovem amplia sua perspectiva de futuro tendo outras referências, podendo projetar seu futuro.

Você gosta do que você faz? E como você pensa em fazer a diferença na vida desses jovens e dessas crianças que você descreveu?

Sinto-me muito realizada com o que faço! Sinto que estou no lugar e na missão que Deus escolheu pra mim. Isso é muito significativo! Ainda que o trabalho seja difícil, trabalho com alegria e gratidão. Acredito que o que realizamos realmente faz a diferença. A realidade desses alunos das escolas públicas é de passar a vida escolar quase toda sem ter acesso a discussões relevantes para suas vidas. É uma realidade muito triste que um aluno do 9º ano do ensino fundamental nunca tenha tido acesso a temas tão importantes, como abuso sexual, uso de álcool e drogas, proteção e prevenção de doenças, bullying, formas de lidar com conflitos de forma pacífica, violência doméstica... Sendo assim, buscamos realizar palestras nessas escolas, abordando essas temáticas, procurando proporcionar a transformação através do conhecimento. Já que esses temas são recorrentes na vida desses jovens, buscamos esclarecer tais questões, levantando reflexões com parâmetros confiáveis, e não com informações encontradas por eles na rua ou em redes sociais. Buscamos também criar uma rede de apoio para a escola em que esse

jovem está inserido. Temos tido grandes resultados com esse trabalho que podem ser acompanhados em nosso perfil. Nosso desejo é que esse trabalho esteja em todos os municípios do país.

“O tempo é o senhor de todas as coisas”

Entrevista com Nayara Liz Almeida Prazeres

Nayara Liz Almeida Prazeres é natural de Belo Horizonte, tem 34 anos e é mãe de um menino de 15. Perdeu o pai aos sete anos e a mãe em fevereiro de 2023. Além disso, Nayara é funcionária da Cemig e trabalha como agente comercial. Nesta entrevista, ela compartilha um pouco das suas vivências e como estas delinearão sua perspectiva sobre si mesma e sobre o poder do tempo.

Nayara, na sua perspectiva, o que é o tempo?

O tempo, ele é o senhor de todas as coisas. Você pode utilizá-lo da melhor forma possível e ter as melhores coisas. Cabe a cada um determinar o que vai fazer com o tempo que ainda lhe resta. Podemos desperdiçá-lo sofrendo, alimentando mágoas no coração, ou podemos usá-lo para cuidar de quem está do nosso lado. O tempo é o dono de tudo, é o que temos de mais precioso em nossas vidas.

Na sua opinião, o tempo pode mudar a nossa perspectiva sobre alguma situação? Você sente que o tempo pode ter te modificado como pessoa?

Totalmente! Nós somos reflexos dos acontecimentos da nossa vida. Somos frutos daquilo que acontece com a gente. À medida que o tempo passa, você vai se moldando. É como se fossemos uma massinha em suas mãos, ele vai nos modelando. O tempo é responsável por quem eu sou hoje. Além do mais, o tempo

traz junto com ele um amadurecimento. Amadurecemos de acordo com nossas experiências de vida. Então, hoje, com 34 anos, eu enxergo a vida totalmente diferente de quando eu tinha a idade de vocês, por exemplo. Quando eu era mais jovem, deixei algumas oportunidades de estudo passarem, porque achava que aquilo era outro contexto, que eu era dona da minha vida. E hoje, olhando para trás, com a chegada da maturidade, penso: “Nossa, mas por que eu fiz isso? Por que eu me maltratei tanto?”.

O tempo pode curar uma mágoa ou um sentimento?

O tempo te deixa mais tranquilo diante dos acontecimentos. Ele faz com que possamos enxergar com menos dor a mágoa ou o sofrimento. Mas quando é uma dor de fato, como a perda de alguém, ela vai sempre existir, mas o tempo nos faz olhar com mais calma os acontecimentos.

Caso pudesse voltar no tempo, você mudaria alguma coisa?

Eu voltaria atrás e abraçaria com muito mais amor as oportunidades que eu tive. Mas preciso também ser honesta e ter um pouco de carinho e compreensão comigo mesma e entender que, quando mais jovem, eu não tinha a mesma maturidade de hoje. Então, seria leviano eu dizer que eu voltaria atrás e mudaria alguma coisa, porque isso mudaria a minha vida, mudaria tudo. Talvez eu não estivesse onde eu estou hoje. Não temos esse poder!

Se o tempo é o senhor de tudo, ele tem o poder de parar sua vida? O que é essa impressão, que às vezes temos, de que o tempo parou?

O tempo não para! Nós paramos, perdemos tempo, mas ele não para. Podemos ter essa sensação, mas, com certeza, o tempo não parou. Você pode se dar a liberdade de fazer uma pausa naquele momento, mas o tempo vai continuar. Caso essa decisão pela pausa seja por um ano de descanso, ou por qualquer outra razão (por exemplo, “eu quero ficar um ano sem estudar”), você parou, mas as outras pessoas continuaram. Então, o tempo nunca para!

Você nos disse que o tempo traz amadurecimento. Considerando essa postura mais madura e também o fato de ter um filho adolescente, quais diferenças geracionais você percebe entre a sua adolescência e a adolescência hoje?

O mundo hoje demanda muito mais de nós. Acredito que a geração mais exigida por esse contexto é a de vocês. Tudo sempre tem de estar adequado a um modelo perfeito. E a juventude segue correndo atrás, tendo como referencial um padrão de excelência. Na minha geração não era assim. A gente tinha muita liberdade de ser, de sair, de aproveitar, de sentir a idade. Acredito que os jovens de hoje não têm essa independência, pois o mundo está muito mais perigoso e as informações estão muito mais abertas, seja para o lado bom, seja para o lado ruim. Sou também da geração da internet, mas na minha época não era como agora. Hoje as mudanças nesse sentido são surreais! Algo que fazemos aqui, outra pessoa, do outro lado do mundo, assiste ao vivo. Diante disso, essa mudança também exige muita responsabilidade. Por esse motivo, considero a internet a maior mudança entre as gerações.

Dando um salto para o futuro, como você se imagina daqui a 10/15 anos?

Apesar de o mundo caminhar, infelizmente, para a possibilidade de eventos cada vez mais pesados, mais drásticos, sendo regido pela lógica do “olho por olho, dente por dente”, gosto de ser uma pessoa otimista. Julgo que precisamos plantar para colher. Então, por mais que existam fatos que fogem do nosso controle, ser otimista e pensar numa forma de viver o hoje para colher resultados daqui a algum tempo, me motiva. Sendo assim, eu me vejo bem daqui a 10 anos; também imagino meu filho formado. Além disso, como quero voltar a estudar agora, espero estar formada também. Essas são as coisas que eu pretendo plantar nessa caminhada.

Em um filme chamado Click, o protagonista, interpretado por Adam Sandler, recebe um controle remoto que lhe permite controlar o tempo. Há momentos em que ele consegue desacelerar e acelerar o tempo; em outros, ele consegue pular acontecimentos. Imaginando essa possibilidade, há algum momento da sua vida que você gostaria de acelerar ou desacelerar, viver por mais tempo ou não ter vivido?

Nesse filme, essa experiência de controlar o tempo não dá muito certo, não é? Nós realmente não temos esse controle. Apesar da consciência disso, sim, eu gostaria de ter vivido mais tempo com o meu pai, de tê-lo conhecido mais. Eu sinto muita falta de ter um pai, mas não consigo sentir falta dele, pois guardo pouquíssimas lembranças. Eu não me lembro mais da voz nem do jeito dele. Essas coisas vão se apagando da memória da gente. Por isso, esse momento eu gostaria de ter desacelerado, se pudesse.

Conte-nos um pouco sobre a sua experiência com a maternidade e como ela afetou a sua realidade.

Eu fui uma mãe solo na adolescência. Quando meu filho nasceu, eu ainda fiquei um tempo com o pai dele, mas como nós éramos muito jovens, a responsabilidade nos faltou por uma questão de maturidade. Eu comecei a me relacionar com pessoas muito mais velhas do que eu, pois o nível de responsabilidade que eu tinha era muito maior se comparado ao das pessoas da minha idade. Enquanto as minhas amigas estavam estudando, saindo ou namorando, eu estava cuidando de uma criança. Eu me empenhei para que aquela criança desse certo. Então, resolvi gastar o meu tempo sendo uma mãe legal, para que ele fosse um filho legal. Priorizei totalmente meu filho. E retomando a ideia de plantar para colher, hoje eu tenho muito orgulho dele. Mas sei também que trabalhei muito, e durante muito tempo, para que ele fosse quem é hoje. Quando sinto que ele está se desprendendo de mim, sinto falta do contato. Mas entendo que é isso mesmo, a vida é essa, tem que seguir!

Como foi a sua infância?

Cresci em um lar muito machista. Mesmo sendo a mais nova, eu tinha que lavar, passar, cozinhar para todos eles enquanto minha mãe trabalhava. Porém, sempre fui muito rebelde. Quando meus irmãos me desafiavam e diziam “você não vai fazer tal coisa”, eu saía. Eu realmente saí, fui trabalhar, fazer minhas coisas. Hoje em dia tenho pouquíssimo contato com eles, porque não aceitam muito que eu tenha direito de escolha em relação a minha vida. Mas foi difícil, foi muito difícil conquistar esse espaço.

Você acredita que o machismo perdura, apesar de certos avanços em relação aos direitos das mulheres?

Os direitos das mulheres já evoluíram muito. Estamos em um patamar muito acima, comparado ao da minha adolescência. Porém, dentro de casa, o machismo ainda acontece muito. O que se passa em casa é diferente do que passamos no ambiente de trabalho. O machismo é estrutural na constituição familiar e se revela nas relações com o pai, com a mãe, com a família em geral. Sendo assim, na vida privada, é muito mais complicado ter uma postura contra essas ideias. O principal é fazer um esforço para entender o machismo, porque quando crescemos em um lar machista, tendemos a naturalizá-lo. Demora um tempo até percebermos que não é natural. Somente o tempo vai nos fazer buscar outras possibilidades e oportunidades de estudar, sair de casa e começar a enxergar o mundo de outra forma. O mais difícil é aceitar que viemos daquele lar, que aquelas pessoas são nossa família. Pois quem deveria te acolher não te acolhe; pelo contrário, te faz mal. Diante desse dilema, muitas pessoas preferem fingir que essas dores não existem e acabam optando por continuar ali, naquele porto seguro, que, na verdade, não é tão seguro assim.

O tempo é, de certa forma, um aliado. Vamos tomando consciência do passado e evitando o que não queremos para o futuro.

Sim, e é muito importante a gente olhar para dentro de si e fazer críticas também. Não na busca de atingir uma meta de perfeição, mas com o objetivo de entender a raiz do que nos faz mal, o que nos puxa para baixo, o que nos paralisa. Muitas vezes ficamos estacionados em uma situação. Então é necessário

esperar que o tempo faça sua parte, passando, nos possibilitando enxergar as experiências que nos moldaram. Seja um trauma, seja um amor, tudo será superado. Vai passar, e poderemos seguir saudáveis mentalmente desse momento em diante.

"Temos que respeitar nossos limites, nosso tempo"

Entrevista com Pamela Larissa

Pâmela Larissa tem 27 anos, é bailarina e professora de dança. Trabalha no Projeto Cariúnas e em uma escola para crianças, além de fazer curso técnico de dança no Centro de Formação Artística e Tecnológica (Cefart). Com seu carisma único, ela nos conta sobre a passagem do tempo tanto em cima do palco como por trás das cortinas da vida, além de refletir sobre os aprendizados que o tempo lhe trouxe quanto ao exercício de sua profissão.

Como é a sua rotina? O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Gosto de dormir! Eu gosto de ir a parques, eu sou a louca dos parques, sabe? Tem final de semana que não tenho nada de dança, aí eu gosto de ir ao parque, sentar lá, ficar ouvindo o barulho da natureza. Viajo dançando sem música no parque, no meio de todo mundo (risos).

Como você se tornou dançarina?

Eu queria ser pedagoga. Eu comecei a faculdade e parei por mil motivos, mas na faculdade mesmo eu percebi que não seria pedagoga da escola normal. Eu queria trabalhar em âmbito não escolar. E eu sempre gostei de dançar. Desde a infância, sempre estive envolvida em todos os tipos de dança que havia na comunidade, da quadrilha ao axé. Por causa desse

gosto pela música e pela dança, eu vim para o Cariúnas para fazer música. Eu gostava mais da música, do instrumento. Eu tocava flauta doce em uma outra orquestra. Depois de um tempo, como eu já estava há muito tempo na flauta, eu queria ir para um outro instrumento, mas, com o tempo, eu me apaixonei pela dança! A Tânia, ex-diretora do Cariúnas, me deu uma bolsa para eu ir para a Puntiforme. Lá, descobri que queria dar aula mesmo. Então, comecei o estágio aqui e fiquei durante todo esse tempo.

O que a dança significa para você?

A dança mudou minha vida em todos os sentidos! Tanto na questão financeira quanto com relação ao cuidado com o próprio corpo e a enxergar o mundo política e esteticamente. A dança possibilita conhecer pessoas, lugares, culturas. Se a gente não tem a possibilidade de conhecer lugares muito distantes, com a dança você começa a pesquisar mais, a trazer isso para o seu corpo, vivências que a gente financeiramente não teria condição.

Qual é a maior dificuldade para lidar com essa arte?

Tanto como professora quanto como aluna, o maior desafio é a paciência com a evolução. Como aluna, eu me cobro muito. Por isso eu digo que até a minha estética está mudando muito por causa disso. A gente se cobra muito, a todo tempo, e não dá tempo de processar as coisas, de ver a evolução aos poucos. Tem hora que a gente quer ultrapassar tudo e ver logo que já alcançou um objetivo.

Como você tenta lidar com a frustração?

Após anos eu descobri que eu preciso olhar mais para

mim mesma e não para o outro. Eu procuro entender o meu processo da mesma forma que eu tenho que entender os meus alunos. Como professora eu consigo lidar melhor com isso: ter paciência, ver o processo de cada um e entender que cada um é diferente. Mesmo estando na mesma sala, tendo a mesma idade. Para mim essa consciência chegou há muito pouco tempo. Quando participamos da dança adulta, você quer sempre estar no mesmo lugar que todo mundo, mas sua rotina às vezes não te permite estar nesse lugar. Hoje eu tento ter mais paciência comigo, me olhar, ter compaixão com meu corpo e saber que eu tenho meus limites. Não tento mais ultrapassar limites, por obrigação de fazer. Penso em fazer por fazer, sabe?

Qual é a diferença entre planejar uma aula e uma apresentação, com relação ao tempo do planejamento?

Para planejar as aulas penso no passo a passo, e para a coreografia penso mais no geral, no trabalho: espaço, tempo, desenhos, qual criança você pode escolher para ajudar o restante. Não para ela se destacar, mas para ajudar o restante ou não. Para a aula, consigo ter mais tempo para pensar na didática, em cada atividade, ver o que cada um precisa separadamente.

Como funciona o tempo para uma dançarina?

O tempo musical é muito importante. No Cariúnas, é muito bom porque a gente aprende musicalidade, e tem hora que eu piro! Nossa, dou a louca! Ainda mais nas músicas contemporâneas, porque, às vezes, a gente não usa tanto a contagem do tempo. Eu fico assim: “mas o tempo não é esse”. O tempo é muito importante para te dar uma noção do que você tem que

fazer sozinho ou em grupo, em qual momento você vai trazer sentimento ou uma expressão diferente. O tempo, eu acredito, vem mais nesse lugar.

Como você lida com as limitações, principalmente em relação à exigência do corpo?

Paciência, autocuidado e amor-próprio. É isso! O tempo passa e deixa rastros que às vezes não são nada legais e nem imaginamos. Eu sou muito lesionada, tanto por causa da dança, quanto por conta de outras atividades. Com o tempo, percebemos que muitas coisas podiam ter sido evitadas. Só depois de muito tempo você percebe que evoluiu, ou foi algo que te fez lesionar, ou traz também um modo de expressão. Ultimamente eu tenho pensado muito nisso, sabe? Vou me formar esse ano, e a gente pensa no que fez com tanto tempo de dança. Eu não tenho mais o corpo do começo do ano. Por mais que a dança traga coisas não tão benéficas, como as lesões, traz esse outro lugar de se sentir melhor, de respeitar mais o seu corpo.

Quando você está no palco o tempo passa de uma maneira diferente do que para quem está assistindo?

Passa, voa! Você ensaia muito tempo (risos) uma coreografia de três minutos, mas no exato momento da apresentação, parece que não tem nem um minuto, o tempo passa muito rápido. Antes de pisar no palco, eu esqueço totalmente de todas as coreografias. Eu nunca entrei em cena com a certeza do que eu tinha que fazer. Depois que eu entro e consigo perceber que estou num palco de verdade, aí vem a coreografia muito rápido pra mim, e depois já acabou.

Como você descreveria a sensação do momento anterior à entrada no palco?

Muita ansiedade, demora muito! É um tempo que não passa! Você sabe que tem um tempo, mas ele não passa! E aí você tenta lembrar da coreografia, da colocação, do que tem que fazer. Você fica nervosa, a mão transpira, quer ir no banheiro, fica com sede, vêm todas as sensações do mundo e o tempo não passa. Só depois que você realmente pisa no palco é que ele corre. É uma sensação gostosa, muito satisfatória, pensar que você trabalhou muito para aquele momento. Mesmo que às vezes seja um trabalho que você não tenha gostado tanto do processo, saber que você está em um momento que precisa acontecer, e está ali, é algo que causa uma sensação muito boa.

E o pós-palco? Qual é a sensação de quando você acaba a apresentação?

Depende. Às vezes você sai muito bem! Sai voando: “Nossa, fui muito bem!”. Pode ter errado, podem ter acontecido mil coisas, mas sai muito bem. Mas já aconteceu também de eu sair muito mal por sentir que eu não consegui dar o meu melhor. Já trabalhei isso em mim, mas é uma questão de autocobrança. Por mais que eu saiba que falhas podem acontecer, sempre tenho a sensação de que quero mais, de que precisa ter uma outra apresentação em qualquer lugar, que seja na praça, mas tem que acontecer. Até mesmo nas apresentações em que eu senti que não fui tão bem eu já me vi nesse lugar. Mesmo não tendo achado tão legal, que não fui muito bem, que não consegui ajudar o grupo, eu queria fazer de novo!

Desde quando você se tornou aluna até o momento atual, o que acredita que mudou na sua forma de ver a dança?

Eu comecei aprendendo uma forma bem dura do balé clássico, de que tem que ser assim, tem que ser assado, e você que corra atrás. No início, eu me frustrei muito, mas não sabia que era uma frustração. Eu ficava triste, mas não entendia o porquê nem com o quê. Depois de muito tempo percebi que era porque eu não estava de boa com a dança. Quando eu já estava na Puntiforme, aí foi que eu aprendi a dançar o meu eu, o meu corpo, entender que o meu *en dehors* (um passo de balé) é o meu e não dos outros. Minha flexibilidade não chega na das outras pessoas, mas tudo bem. Quando cheguei nesse lugar, fiquei melhor. Hoje eu consigo enxergar o clássico não como se nós tivéssemos que nos enquadrarmos nele, sermos todos iguais, tentar fazer as mesmas coisas da mesma forma. A dança tem vários caminhos. Depois, como professora, eu entendi que uma forma diferente de falar muda o seu pensamento e o seu fazer. Hoje eu vejo o clássico muito mais aberto, mais amplo para a turma e para todos; e de uma forma mais gostosa, sabe? De viver o clássico e de deixar que ele faça parte de outras coisas. Eu falo com os meninos, quando eles entram no Cariúnas, que as aulas não têm como foco as técnicas. Eles perguntam: “Ah, mas pra que isso? Pra que aquilo outro?”, e eu trago muito o clássico como entendimento do corpo. Existem outras formas para isso, outras técnicas, mas já que temos o clássico instaurado, penso nele dessa forma: conhecimento do corpo, trabalho coletivo, seu corpo no espaço, movimentos separados e movimentos juntos. Muitas vezes, a forma de ver a dançarina de clássico como

uma boneca dançando toda perfeita não te deixa enxergar o que você realmente quer. Pois não é isso que precisa ter para ser feliz na dança.

O que você acha que ainda pode mudar sobre a visão das pessoas em relação à dança? O que precisa mudar?
Uma mudança seria sobre a crença de que a gente tem que se enquadrar na dança; ser do jeito que a dança pede, a sofrência com o dedo machucado... Acredito que temos que levar a dança, ou qualquer outra arte que a gente fizer, mais de boa, sabe? Respeitar os nossos limites, nosso tempo! Se hoje não dá para fazer aula, não dá, e tá tudo bem!

*“Essa vida não é pra mim,
meu futuro não é aqui!”*

Entrevista com Rita Rosa

Nesta breve entrevista, Rita Rosa, uma policial civil de 57 anos, bacharel em Direito pela PUC Minas e atual coordenadora do departamento didático-pedagógico da Academia de Polícia (Acadepol), conta um pouco sobre sua trajetória, sobre as dificuldades que enfrentou durante a infância e sua persistência em seguir um caminho diferente.

Como foi sua infância?

Eu venho de uma cidade muito pequena. A vida era muito difícil, em razão de eu ser a oitava filha de 12. Meu pai não sabia ler, só sabia assinar o nome, e minha mãe nunca soube ler nem escrever nada. Mas a gente tinha que estudar, porque todas as crianças estudavam. O meu pai dizia que só podia dar o estudo para a gente até o quarto ano primário. Quando passava da quinta série, já era exigido que os alunos entrassem na escola completamente uniformizados, mas o uniforme não era doado pelas prefeituras. Eu tinha o sonho de estudar e não foi meu pai nem minha mãe que me disseram que eu precisava estudar, porque eles não tinham conhecimento. Eu tinha obrigação de cumprir o expediente de serviço no horário da tarde, e de manhã eu estudava.

Você tinha algum sonho que já conseguiu realizar?

Quando eu passei dos 10, 11 anos, eu comecei a en-

tender que eu tinha que mudar aquela vida. Não foi ninguém que me disse. Veio na minha cabeça assim: “Essa vida não é pra mim, meu futuro não é aqui”. A partir daquele momento, eu entendi que não queria viver daquele jeito, eu não queria aquela vida pesada. Eu não queria trabalhar na roça, na terra, queimada de sol, sem ganhar praticamente nada. Então, eu passei a lutar dentro de mim, passei a batalhar para conseguir chegar aonde eu queria. Meu maior sonho era estudar, estudar mais do que eu estudei, porque meu pai era uma pessoa muito rígida.

Quantos anos você tinha quando entrou na faculdade?
Tinha 30 anos. Era solteira e uma das coisas que eu defini para mim foi que eu precisava ter minha vida, sem depender de outra pessoa. E, pra isso, eu não poderia me envolver com ninguém que estivesse na mesma condição que eu, porque ficariam duas pessoas, uma dependendo da outra, entende? Quando me matriculei na PUC, a mensalidade era o valor do meu salário. Eu confesso que eu tive muito medo de assinar o contrato, porque todo mês você assina um documento dizendo que você vai pagar. Eu fiquei com muito medo, receosa de assinar, porque era um compromisso que eu estava assumindo e a vida estava muito apertada financeiramente. Mas pensei assim: “Não tem problema, eu tô realizando meu sonho, eu vou assinar o contrato e vou estudar. Se eu tiver que pedir nas empresas de ônibus a passagem pra eu ir, eu vou pedir, se eu tiver que pedir pra quem tem, eu vou pedir”.

Quando você estava na faculdade, sofreu algum preconceito de idade?

Não. Muito pelo contrário, teve professor que me considerou líder na turma em razão da idade e em razão da experiência de vida. Eu tive muitos colegas que tinham 17 anos e muitos deles faziam questão de estudar comigo, de estudar na minha casa, de me pedir opinião sobre fazer uma festinha, me pediam ajuda pra organizar a festa. Às vezes eles falavam assim: “Preciso estudar, posso ir pra sua casa?” ou “Você vai pra onde a gente for?”.

Durante as fases mais difíceis da sua vida, como você percebia a passagem do tempo? Passava muito lento ou muito rápido?

Na minha infância, a vida era muito difícil e a gente não tinha atividades que ocupassem o tempo a não ser o trabalho. Tinha momentos em que a gente, na intenção de que a vida mudasse, tinha a expectativa de que viesse um outro tempo. Só que esse outro tempo demora demais! A gente não tinha as atividades todas que temos hoje e que fazem o tempo passar muito rápido. Hoje a gente tem mil coisas pra fazer, mas naquela época da infância, naquele momento, a gente queria que simplesmente passasse.

Atualmente, você percebe diferença na passagem do tempo?

Hoje, com toda a certeza, pra mim o tempo passa muito rápido. Eu costumo escutar das pessoas que os dias estão curtos, mas no meu entendimento não são os dias que estão curtos. Eu acho que nós estamos com muitas atividades e a gente não consegue fazer todas elas no tanto de horas que o dia tem. O dia passa muito rápido!

"Acredito sempre que as coisas vão melhorar"

Entrevista com Sady Antônio dos Santos Filho

Sady Antônio dos Santos Filho tem 59 anos e é professor no CEFET-MG há 32 anos. Possui graduação, mestrado e doutorado em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Minas Gerais. Com muito otimismo, Sady relata como percebeu mudanças na instituição ao longo de sua experiência como professor e como espera ser impactado por mudanças tecnológicas.

Ao longo dos anos, como você viu mudar o perfil dos seus alunos quanto aos estudos?

Bom, a mudança está relacionada não só aos estudos, mas de modo geral. Os alunos de hoje são muito diferentes dos de antigamente. A mudança mais importante que eu posso citar está muito relacionada ao foco, porque hoje em dia há muitas coisas que desviam o foco, como as novas tecnologias e principalmente o telefone celular.

Você acha que o tempo influencia no aprendizado das pessoas?

O tempo é muito importante porque você precisa dele para poder se preparar melhor, para se exercitar e estudar. Então, quanto mais tempo você se dedicar, com certeza, melhor vai ser o aprendizado, maior vai ser sua capacidade de armazenar informações, porque, além de tudo, você vai estar treinando o que aprendeu.

E o CEFET-MG, como a instituição mudou desde que você chegou aqui?

Mudou muito, principalmente em função da tecnologia que utilizamos hoje em dia e da maneira como a gente transmite o conhecimento. Eu comecei dando aula em um quadro negro com giz; hoje, praticamente nem se usa mais o quadro, apesar de eu gostar muito de trabalhar escrevendo. Mudou também em função das tecnologias que a gente tem à disposição e, na maior parte das vezes, elas vieram para melhorar. Não mudou só para nós, professores, melhorou bastante também para os alunos. Por exemplo, a opção que vocês têm de gravar uma aula e de assisti-la depois em casa. A mesma aula que dou aqui, se for gravada, pode ser assistida depois com mais tranquilidade, em um ambiente mais tranquilo. Esse tipo de coisa não existia antigamente. Ou você ia para a aula, assistia e prestava atenção no que o professor estava falando, ou você teria que estudar por conta própria.

Daqui a 10 anos, como você enxerga o CEFET-MG?

Por causa desses avanços tecnológicos e com as novas tecnologias chegando, a possibilidade de termos outra maneira de ensinar e de aprender é grande. Vocês, estudantes, terão que se entender com essas tecnologias. Terão que estar mais preparados para conseguir trabalhar com elas, mas para o bem. Porque o grande problema é que, às vezes, acabamos utilizando essas tecnologias para o mal. Além disso, a facilidade que muitas delas nos trazem evita que a gente se dedique um pouco mais. Se você quer saber de um determinado assunto, você corre lá na internet, no Google, e já fica sabendo. Deixa de ir atrás de um livro, deixa de ir atrás de uma fonte mais segura.

Você acha que o tempo passa diferente dentro e fora do CEFET-MG?

Com certeza. Quando você está estudando e se preparando aqui dentro, o tempo é mais bem aproveitado. Você está mais focado, inserido dentro de um ambiente que é específico para isso. Pode até descansar também, usar o tempo, e deve. Mas quando você está mais focado, o nível de aprendizado é bem maior e o tempo aqui é mais bem utilizado. Agora, quando a gente está lá fora, cada hora aparece uma coisa diferente, você se distrai e aí seu tempo não rende. Gasta-se muito tempo para fazer poucas coisas.

E para seu futuro, o que você espera?

Se a gente contar o tempo que eu tenho de magistério, acho que já estou, como diz o ditado, “descendo a serra”. Mas, mesmo assim, eu espero contribuir muito com todos os conhecimentos que eu adquiri. Espero estar bem mais inserido nessas tecnologias, bem mais adaptado. Não tenho a intenção de me aposentar agora, então eu espero conseguir usar essas novas tecnologias para passar mais conhecimento do que eu consigo passar sem elas. Acredito sempre que as coisas vão melhorar, então, torço para que as novas tecnologias permitam que isso aconteça não só para o professor que está ensinando, mas também para vocês que estão aprendendo.

*"Não importa o que você faça,
tudo vai morrer!"*

Entrevista com Sidney Maia Araújo

Muito querido por seus alunos, Sidney Maia (ou Sidão, como é conhecido por seus alunos e colegas de trabalho) tem 50 anos e é professor de física do CEFET-MG. Ele nos fala sobre a finitude de todas as coisas e faz uma retrospectiva sobre os caminhos que o levaram para a docência. Ele mostra como sua trajetória poderia ter sido completamente diferente caso não tivesse um espírito aventureiro e não estivesse disposto ao contato com livros e ideias novas.

Considerando suas experiências de vida, como você percebe hoje a passagem do tempo?

Tive estágios na vida em que minhas preocupações eram mínimas. Então, a sensação era a de que o tempo estava passando mais devagar. Era como se eu tivesse muito tempo para gastar. À medida que fui passando por momentos que exigiam mais seriedade, mais sobriedade, o tempo começou a ficar mais escasso. Nossa percepção de tempo e de realidade é mais psicológica. Em experiências traumáticas, o tempo tende ao infinito, mas, em momentos agradáveis, o tempo passa rapidinho, passa voando. Quando eu era mais novo, além da necessidade de ganhar algum dinheiro, eu gostava de ter experiências em diferentes ofícios (ajudante de pedreiro, segurança de boate etc.), pois queria sentir coisas diferentes. Eu era mais aventureiro, o tempo me permitia isso.

Qual foi o caminho que te levou a ser professor de Física?
Acredito que esse espírito aventureiro me levou para alguns caminhos em que fui gostando de umas coisas, insistindo em outras. E tudo foi acontecendo. Foi quase um acidente. Considerando o contexto do qual eu vim, não era pra eu ser professor de Física nunca. É impossível não me comparar com meus colegas do fundamental. Poucos ainda estão vivos, devido a situações violentas. O ambiente no qual eu cresci era muito errado. Não era pra eu ser professor, não era pra eu ter estudado. Mas simplesmente a vida, o tempo... vários eventos aleatórios acabaram me trazendo pra cá. Foi um feliz acidente!

Acredito que minhas primeiras escolhas, lá por volta dos meus 10 aos 12 anos, foram definindo quem eu sou hoje. Sempre gostei muito de ler, gostava de ler terror e ficção científica. Essas leituras me aproximaram da ciência. E, a partir disso, me tornei um nerd. Comecei a colocar na cabeça que queria ser cientista, ser matemático, químico, físico ou filósofo. Assim, minhas escolhas me trouxeram pra cá. Se eu tivesse lido outros livros, provavelmente eu teria ido para outro caminho. O tempo que eu dediquei à leitura de *O Retrato de Dorian Grey*, de Oscar Wilde, e de *Cosmos*, de Carl Sagan, determinou minha forma de pensar.

Sendo hoje cientista e professor, como definiria o conceito de tempo?

Para a Física, o tempo é uma variável que usamos pra entender como um determinado fenômeno acontece e como se modifica. Temos variáveis que se aproximam da noção de tempo, como a entropia, que pode ser definida como energia indisponível. O tempo tem uma relação direta com a entropia. À medida que

nosso tempo de vida diminui, em termos de expectativa de vida, a entropia aumenta. Ou seja, todas as coisas e seres vão gastando a energia disponível e, conseqüentemente, diminuindo seu tempo de vida útil. Todo fenômeno é atravessado pelo tempo. Não importa o que você faça: à medida que o tempo passa, a entropia sempre aumenta, as coisas sempre vão funcionando cada vez pior. Ou seja, tudo morre. Não importa o que você faça, tudo vai morrer!

Diante dessa finitude de todas as coisas, o que fica de aprendizado?

O que aprendi com todas as minhas vivências e derrotas é o quanto somos descartáveis e insignificantes. Quando ficamos mais velhos, começamos a perceber que somos completamente insignificantes. Somos muito pequenos, perdemos tempo preocupados: “Vou arrumar meu cabelo, vou colocar uma roupa legal e tal”. Mas a verdade é que ninguém se importa. Estando com o cabelo arrumado ou de chinelo, isso não vai fazer a menor diferença pra ninguém. Criamos expectativas sobre a importância do que fazemos ou deixamos de fazer, mas depois de vivenciar algumas derrotas e de quebrar a cara, essa expectativa diminui e percebemos que o que fazemos tem pouca ou nenhuma importância. A vida e o tempo me fizeram perceber que não tenho tanta importância.

O tempo existe porque o contamos ou existe por si só?

O tempo só faz sentido porque tem um indivíduo que está envelhecendo, um corpo que se modifica com o passar do tempo. Pensando na hipótese de existir algum lugar inabitado, sem nenhum ser, não tem sentido considerar a existência do tempo. Um segun-

do será toda a eternidade. O tempo depende de um referencial. Não se sabe se o tempo é uniforme no Universo. Além disso, há teorias que afirmam que em algumas regiões do Universo o tempo passa de forma diferente. Einstein mesmo, quando desenvolveu a teoria da relatividade restrita, percebeu que o tempo não era absoluto.

Poderemos algum dia manipular, conduzir o tempo?

Einstein estudou maneiras de distorcer o espaço-tempo, desenvolvendo uma nova teoria da gravidade. Ele fez a seguinte relação: quando se tem um corpo muito maciço, com muita massa, muita gravidade, o tempo fica mais lento perto de um corpo menos maciço. Só que até hoje não conseguimos entender direito a gravidade. Quando conseguirmos avançar nas pesquisas sobre a gravidade, e pudermos manipular essa força, descobrir se existem ou não partículas de gravidade (graviton), conseguiremos manipular essa grandeza e, assim, o próprio tempo também.

No momento atual de vida, como é a sua sensação sobre o tempo?

Na verdade, não tenho tempo para fazer nada, e acabo tendo que fazer muitas coisas ao mesmo tempo. O tempo de um dia é pouco. Essa lógica é extremamente doentia. Quando se tem muitas coisas para fazer, paramos de ver sentido nelas. O mais importante mesmo é aproveitar o tempo com qualidade e não só de forma útil. Neste período da minha vida eu vejo que meu tempo está sendo muito útil, mas tem uma qualidade muito ruim. Aproveitar o tempo lendo um livro, conversando com pessoas que gostamos, assistindo a um filme é importante para dar sentido

à vida. Aproveito meu pouco tempo livre para dormir. Eu quero deitar, refletir um pouquinho e ir pegando no sono aos pouquinhos, desacelerando, desacelerando, para poder sonhar. É muito bom quando temos com o que sonhar.

"Todas as dificuldades são passageiras"

Entrevista com Vicente de Paula Mendes

Vicente de Paula Mendes tem 80 anos, é doutor em Direito, atuou como advogado e lecionou na UFMG por mais de 40 anos. Vicente também é um estudante, filantropo e convicto de que o mundo, a depender de nossas ações e conduta, pode melhorar. Ele relata sua trajetória de vida nos inspirando a dar o melhor de nós e aproveitar o tempo da melhor forma possível.

Quais são suas lembranças mais felizes?

O tempo em que morei na roça é uma lembrança muito feliz. Também o colégio, a escola e o meu trabalho. Trabalhei no governo durante alguns anos, não sei se são momentos felizes, mas é o que ficou mais na memória.

Como foi sua infância e qual era o seu sonho de vida?

Até os doze anos eu vivi com minha família. Aos treze eu vim para Belo Horizonte e passei muitas dificuldades, mas graças a Deus consegui crescer e evoluir, estudando o máximo possível, fazendo o meu trabalho com a máxima dedicação. Sempre me esforcei muito para ser bem-sucedido em cada um dos meus empreendimentos. Eu abracei o Direito eu procurei evoluir na área. Meu sonho é ajudar o próximo. Ajudar a todos como irmãos.

Qual é a maior dificuldade que o senhor já passou?

O maior desafio que eu enfrentei na minha vida foi estar em Belo Horizonte sem meus pais, morando na casa dos outros, com sérias dificuldades financeiras. Houve um período em que eu tinha uma alimentação muito ruim. Durante alguns anos eu comi marmita em um restaurante público. Fiz tudo isso porque eu sabia que era passageiro. Mas isso tudo é passado, né? As dificuldades são desafios que a vida nos impõe, e nós crescemos quando superamos esses desafios. Hoje, o meu maior desafio é lidar com a ideia de que meu tempo está acabando, que essa vida é transitória para todas as pessoas. Afinal, ninguém ficou aqui para sempre. Mas eu ainda gostaria de fazer muitas coisas que vejo que não vai dar tempo de fazer, como fazer outras creches, ajudar essas crianças que nasceram em situações difíceis.

O que traz mais orgulho e significado para a sua vida?
Eu não tenho orgulho. Acho que eu tenho satisfação por algumas coisas que eu ajudei a fazer, como minha família. Uma família bem criada, todos já são adultos hoje. Ainda tem meus netos. Trabalhei muitos anos no ensino do Direito, ajudei a criar uma faculdade de Direito, a Faculdade Milton Campos, e hoje o que me dá mais satisfação é a educação infantil. Hoje, o que traz significado para minha vida é a ajuda que damos às crianças na creche filantrópica que fundamos. Dizem ser a maior de Belo Horizonte. São 662 crianças, por enquanto. Eu me sinto feliz de ver aqueles menininhos recebendo cuidados, alimentação e orientação, porque isso vai transformar a vida deles. A criança, segundo os entendidos, forma o cérebro físico e a personalidade até os sete anos. Então, a educação infantil é fundamental para ajudar a transformar as

peças. Tem a ver com a evolução do país, com a redução do índice de criminalidade, com o crescimento das pessoas. Então, o que me dá mais prazer hoje em dia é ajudar. A creche é como uma grande plantação, uma lavoura em que damos condições de a criança crescer e se transformar. A educação infantil não ensina conteúdo, como matemática e português: ela ajuda as crianças a perceberem no outro um companheiro, um amiguinho, a perceberem a importância das regras, de aprender a comer direito. Lá na nossa creche, temos orientação de nutricionista e a criança come o que é bom ela comer. Há pouco tempo, um pai me parou na rua e falou: “Ô, doutor, quero agradecer o senhor, meu filho agora quer que eu compre cenoura. Lá em casa a gente não comia cenoura, ele aprendeu a comer lá na creche”. Então, entendo a creche como uma plantação, que vai se transformar em uma grande floresta.

O que é felicidade para o senhor?

Felicidade é ver nossos objetivos realizados. O que me dá mais alegria hoje é essa escola infantil, os meus filhos, os meus netos e os meus amigos. Só que eu já estou com oitenta anos, vou fazer agora em setembro, e aqueles amigos com os quais eu me relacionei a vida inteira estão indo embora antes de mim. Mas acreditando que a vida é eterna, estou convencido que um dia vamos todos nos encontrar.

Qual sua filosofia de vida e o que mais te incomoda nesse mundo de hoje?

Trabalhar. Enquanto a gente for útil, merecemos ficar aqui vivendo. O dia que não tivermos mais utilidade, vamos começar um outro caminho, em outro local,

em outro corpo. Temos que fazer aquilo que tem que ser feito, o máximo possível, com honestidade e amor no coração. Hoje, o que me incomoda no mundo é a vaidade, o orgulho, a maldade das pessoas e a falta de compromisso. Aquilo que prejudica o mundo, no meu entendimento, é a falta de amor ao próximo.

O senhor consegue contar pra gente um momento marcante da sua vida?

Quando eu vim para Belo Horizonte, com treze anos, viajei em um trem, e me lembro de estar sozinho. Hoje as crianças não andam sozinhas mais. Isso hoje me surpreende, porque quando um neto meu vem da casa dele até aqui no escritório eu já fico preocupado, porque a insegurança é muito grande. Mas essa minha chegada a Belo Horizonte, vindo da minha terra natal, Rio Casca, foi um momento muito importante da minha vida, assim como meu casamento, a graduação na faculdade de Direito, a conclusão do curso ginásial (que hoje compreende o intervalo de quinta a oitava série), a minha formatura no colégio municipal, o curso clássico, e também os concursos em que fui bem-sucedido. Todos são momentos importantes. Mas o que mais me marcou foi minha percepção espiritual, ter o privilégio de me aproximar de pessoas que me mostraram que nós não somos apenas o corpo físico, e que a vida não termina aqui, não começa aqui e não termina aqui. Nós somos espíritos eternos, filhos de Deus. Um Deus que eu não tenho noção de como ele é. O que eu sei é que ele não é um homem velho e barbudo que fica sentado em um trono. Disso eu tenho certeza! Existem energias, forças e, sobretudo, existem espíritos irmãos nossos, mais evoluídos, que conduzem as coisas com sabedoria e com amor no

coração. Tenho certeza de que nós vamos, cada um, cada vez mais, melhorar o mundo. Ajudar as pessoas mais jovens, estender a mão, como Jesus fez. E o que ajuda muito as pessoas é a educação, é o discernimento, saber distinguir o certo do errado.

Qual foi o seu primeiro emprego?

Meu primeiro trabalho, eu tinha sete para oito anos, foi quebrando pedra para vender lata de brita e ter um dinheirinho pra ir à matinê no cinema no final de semana. Quando eu vim pra Belo Horizonte com treze anos, fui ser office boy em um escritório de advocacia. Depois disso tive vários outros empregos. Mas aquele que mais me deu satisfação foi ter sido professor. Essa função exige responsabilidade e dá oportunidade de ajudar a transformar o mundo para melhor.

Qual foi o trabalho mais desafiador que o senhor já teve?

Teve um período em que fui pro exterior estudar e foi um tempo de muita dificuldade, de muito sofrimento mesmo, muita insegurança. Essa primeira viagem ao exterior, quando eu ainda tinha 20 anos para 21 anos, ajudou muito a me transformar. Percebi que há um mundo lá fora, seja pior ou melhor.

Quando e por que o senhor decidiu fazer Direito?

Minha intenção inicial era estudar Medicina. Primeiro eu queria ser geólogo, depois queria ser médico. Mas quando criança, desde os treze anos de idade, trabalhei em escritório de advocacia e acabei indo para o lado do Direito.

Como o sistema judicial evoluiu ao longo dos anos que o senhor lecionou?

Tem evoluído pouco. Embora tenham sido criadas mais varas e hoje termos mais juízes, a quantidade de demandas e questões aumentaram também exponencialmente. A Justiça tem evoluído, mas tem ainda insuficiência para atender aquilo que a própria Constituição assegura: uma justiça rápida. Nós não temos uma justiça rápida no Brasil. Eu tenho processos aqui no escritório que tramitam há mais de trinta e tantos anos. As pessoas morrem e não veem seu pleito resolvido.

O senhor acha que o ensino superior mudou desde que o senhor começou a ensinar?

Tem mudado e, infelizmente, em alguns casos para pior. Porque hoje em dia o ensino a distância tem crescido muito mais do que o ensino presencial. A presença do professor e a relação com o aluno ajudam muito no crescimento do jovem que está ainda se formando.

Que conselho você gostaria de ter recebido antes de ser professor?

Desde cedo eu fui orientado a escolher bem os meus amigos. Isso tem a ver com um ditado muito conhecido: “Digam-me com quem andas que eu lhe direi quem és”. Sempre me pautei nisso. Eu seleciono as pessoas com quem me relaciono. Quanto a aquelas com as quais eu tenho divergências ou algumas restrições, sobretudo em relação a conduta, eu me afasto. É o conselho que eu dou pra todos os jovens. A gente forma nosso núcleo de relacionamento. Os bons elementos, os bons amigos, nos ajudam a crescer; já os maus amigos nos desviam do bom caminho.

E para essa nova geração, existe algum conselho que o senhor gostaria de transmitir?

Acreditar que as dificuldades são passageiras. Todas as dificuldades são passageiras. Procurar entender o outro como irmão, trabalhar duro e estudar muito. A gente tem que aproveitar cada minuto para aprender e crescer. A diversão faz parte, mas é menos importante. Temos que evoluir e ajudar as pessoas a crescerem também.

Eu acho que as pessoas dão muito valor ao que não tem valor. Certas diversões, e certos prazeres, não são necessários e muitas vezes nos fazem perder tempo com coisas inúteis. No meu entendimento, devemos aproveitar ao máximo o tempo que temos. Fazer tudo o que é possível ser feito, nos esforçarmos o máximo possível.

Como o senhor acha que poderíamos mudar o mundo?

Dando menos valor ao que não tem valor, como dinheiro e patrimônio. Os bens materiais são úteis, certamente nos trazem conforto e segurança, mas não devem nunca ser um objetivo de vida. Nós não somos donos de nada, estamos aqui de passagem, todos – sem exceção – não levaram daqui nem a roupa do corpo, nem o corpo. Temos que tratar as pessoas com mais dignidade, com mais caridade, e reduzir as desigualdades ao máximo possível, educando e conversando com as pessoas. O que transforma o mundo é a educação. Nesse sentido, transformar as pessoas pra melhor. É isso que transforma o mundo.

Qual foi seu propósito de vida até hoje?

Meu propósito é trabalhar. Temos que procurar transformar as coisas para melhor desde a hora de arru-

mar a cama. Tudo o que você faz, em qualquer situação, faça com o maior gosto possível. Isso é o que satisfaz, sabe? Temos dentro de nós um tribunal e nós todos erramos, no fundo, mas um dia vamos entender que aquilo que fizemos foi errado. Temos que ir aprendendo a cada dia e olhando também a realidade do nossos semelhantes. Todos nós temos defeitos, mas vamos um dia nos despir desses defeitos, crescer e evoluir.

O que é o tempo para o senhor?

O tempo... o tempo é uma contingência, uma limitação. Na minha idade eu sinto que ele passa mais rápido, porque já estou vendo o ponto de chegada, o limite dessa vida. A gente percebe que é um caminho, como uma estrada: quanto mais bem você fizer, mais rápido você consegue aproveitar mais. O tempo é uma limitação. Dizem as pessoas que o tempo não existe. Eu não consigo entender. O tempo existe e é escasso. Temos que aproveitar bem.

Se o senhor pudesse conversar com o seu eu do passado, o que o senhor diria?

Diria "obrigado". Estou satisfeito por aquilo que eu passei, não tenho queixas. Tenho paz com a minha consciência. Sei que cometi erros, mas sempre procurei refazer e agir de modo correto. Não tenho remorsos nem sentimento de culpa. Para mim está tudo bom! Não posso me queixar. Não fui médico, mas hoje, vendo as dificuldades da medicina, talvez eu não fosse um bom médico. Na minha profissão eu tenho conseguido o que muitas pessoas não conseguiram, como um patrimônio razoável. Hoje eu me encontro com muitos jovens com os quais trabalhei que são

bons juízes, bons desembargadores, e vejo neles um pedacinho de mim, eu ajudei a formá-los, a moldá-los, porque educar é isso, é moldar as pessoas.

Se o senhor pudesse começar sua vida de novo, o que o senhor faria de diferente?

Nada! Fiz tudo aquilo que eu queria fazer. Estou muito satisfeito com aquilo que eu fui e que sou. Não fazemos só aquilo que nos parece ser bom, somos orientados por amigos espirituais, com os quais convivemos no passado.

Qual é o segredo para ter uma vida longa e saudável?

Não ter raiva, não guardar ressentimento, amar ao próximo, não comer porcarias, não comer carne, por exemplo. Acredito que os bichos são nossos irmãos. E acho que o que nos ajuda a prolongar a vida são os amigos, as boas relações. Isso é o que nos ajuda. E até nossos inimigos, nossos desafetos, que trazem sofrimento e prejudicam nossa saúde, até com eles nós temos que procurar sempre viver bem.

Como o senhor gostaria de ser lembrado?

Não sei se gostaria nem de ser lembrado. Talvez como alguém que trabalhou muito e se esforçou muito. Uma característica da minha vida é o esforço que fiz para sair de onde eu vim e conseguir chegar até aqui.



**Nós preparamos uma *playlist* especial para você!
Todas as músicas foram escolhidas a dedo para
que você ouça e desfrute das maravilhas do tempo.
Escaneie o QR code para escutar agora!**

Posfácio contra o fim

José Muniz Jr.

*Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista. [...]
Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
Guarde o que quer que guarda um poema [...]
(Antonio Cícero)*

O relógio, o calendário, o cronômetro, o alarme, a agenda e o cronograma são objetos simbólicos que inventamos para gerir o tempo – e, ainda assim, ele insiste em escapar ao nosso controle. A saudade, o luto, a ansiedade, a (im) paciência, a espera e a esperança são alguns dos passos da coreografia que dançamos junto ao tempo. A gente tenta sincronizar, mas o tempo insiste em improvisar livremente e sair da marcação. Ou será que é o contrário?

A física, a filosofia, a sociologia, a antropologia, as artes, as religiões e os mitos também refletem sobre o tempo, seu significado, sua passagem, suas frestas. Essas diferentes formas teóricas e práticas de ver o tempo nos ajudam a organizar a vida, o trabalho, as relações e as emoções. Elas impactam o jeito como cada um de nós elabora o passado, vivencia o presente e projeta o futuro.

Trata-se de um tema inesgotável, que ganha aqui várias interpretações. Esta coletânea reúne reflexões e sentimentos de um grupo de estudantes que, como todos/as nós, vivenciam o tempo de forma muito singular. Como não poderia deixar de ser, este livro é um sintoma de seu próprio tempo.

Neste posfácio, quero contar a você como esse livro foi feito. Os textos aqui reunidos são resultado de uma experiência que conduzi junto à turma do 1º ano de Equipamentos Biomédicos no primeiro semestre de 2023, no âmbito da disciplina Redação e Estudos Linguísticos. Convidada a escrever sobre o tempo, essa turma agora convida você, leitor/a, a usufruir desses textos e construir seus próprios percursos de reflexão e emoção sobre esse tema.

Na primeira etapa do processo, esses/as estudantes da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) produziram textos em diferentes gêneros, de modo individual e coletivo. Essas produções estiveram integradas a momentos de apreciação e interpretação de canções, poemas, contos, crônicas, charges, obras de teatro e de artes visuais, entre outras. Tais atividades tinham dois objetivos principais: familiarizar a turma com as características desses diferentes gêneros e dar espaço a discussões sobre o tema que aqui nos guia – o tempo.

Os textos que integram esta coletânea foram produzidos nos dois primeiros bimestres letivos de 2023, tanto em sala de aula como fora dela. Além da escrita propriamente dita, os/as estudantes foram convidados a reescrever seus textos a partir de sugestões e correções feitas tanto pelo professor quanto pelos próprios colegas. Da perspectiva que adotamos nesta

e em outras práticas pedagógicas, a reescrita é uma etapa fundamental desse processo. O olhar do outro ajuda a construir a autoria, porque mostra, a quem escreve, outras possibilidades de construção do estilo. Esse outro que lê meu texto antecipa, de certo modo, o olhar dos muitos outros interlocutores que eu ganharei a partir do momento em que minhas palavras ganharem vida pública.

Gosto muito de uma crônica do professor Sirio Possenti, chamada “A dupla face das revisões”, publicada em 2003. Ao final de sua reflexão, Possenti diz o seguinte:

Suponhamos que a escola encarasse essa etapa da produção dos textos — porque a revisão é isso — como o fazem editoras e empresas similares. A correção, efetuada pelo professor ou por colegas, ganharia outro status. Ao invés de ser a ocasião para descobrir o que um aluno ainda não sabe (pau nele!), tornar-se-ia apenas uma das etapas da elaboração de um texto que seria publicado — num mural ou num livrinho de final de ano. As coisas que uma escola poderia fazer de graça!¹

Eis o espírito deste livro (e do Selo Barulho, de forma geral): fazer com que a escrita em contexto escolar seja uma oportunidade para que devolvamos a esses estudantes a condição que, muitas vezes, o sistema educacional lhes rouba: a de sujeitos que pensam e sentem; a de sujeitos que, por isso mesmo, merecem (e querem) compartilhar suas vivências e conhecimentos com o mundo lá fora.

Também fez parte do nosso roteiro de trabalho uma visita à LED, onde, sob a supervisão de estu-

1. POSSENTI, Sírio. A dupla face das revisões. *Terra Magazine*, 4 ago. 2003.

dantes do curso de Letras – Tecnologias de Edição, a turma de Equipamentos Biomédicos pôde exercer sua criatividade e produzir os primeiros esboços de capa, quarta capa e projeto gráfico de miolo, além de planejar o lançamento do livro. Embora nem todas essas criações tenham sido incorporadas ao resultado final que você tem em mãos, elas deram subsídios importantes à equipe responsável por editar o livro. Este também é um aprendizado fundamental que quisemos suscitar trazendo a edição para o coração da prática pedagógica: a comunicação é, muitas vezes, um processo coletivo, que demanda discussões (com respeito e empatia, sempre) e decisões que nem sempre são fáceis de tomar.

Na segunda etapa, executada a partir do segundo semestre de 2023, o projeto editorial do livro começou a ser desenvolvido dentro de uma proposta de pesquisa-ação. Para isso, foram submetidos aos editais da Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação (DPPG) dois projetos de iniciação científica. Ambos os projetos foram aprovados e financiados com bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). São eles:

1. “Publicação de livros como ferramenta pedagógica: aplicação de metodologias editoriais em contextos escolares” (PIC000142-2023). Esse projeto foi executado por duas bolsistas do curso de Letras – Tecnologias de Edição: Izabela Barreto, que participou da primeira fase, principalmente com a preparação dos originais, e Luiza Diniz, na segunda fase.

2. “Escrever, editar e publicar na escola: pesquisa-ação no Selo Barulho para o desenvolvimento de metodologias extensionistas” (PIC000129-2023). Esse

projeto foi executado, durante toda a sua duração, pela aluna Nicolý Oliveira Rocha, da turma de Equipamentos Biomédicos.

As bolsistas conduziram toda a produção do livro, desde a concepção mais geral do projeto editorial e do projeto gráfico até a execução de todas as etapas de produção (preparação e revisão dos originais, diagramação, revisão de provas etc.).

Nicolý e Luiza, que assinam a organização do livro, foram as pessoas responsáveis por definir a estrutura do livro, selecionar os textos, dialogar com os/as autores/as para solucionar dúvidas e coletar documentos adicionais, tomar decisões relacionadas à impressão e ao lançamento do livro, e muito mais. Além disso, são da Nicolý os desenhos que ilustram a capa e as aberturas das sessões. As bolsistas do projeto e os/as estudantes que assinam os textos são, portanto, protagonistas desse processo.

De maneira integrada ao trabalho editorial, conduzimos uma pesquisa com o objetivo de contribuir para desenvolver metodologias voltadas à produção de livros, revistas e outros objetos editoriais em contexto escolar, com potenciais aplicações em práticas extensionistas. A ideia foi tomar o próprio Selo Barulho da LED como espaço de reflexão e este livro em particular como objeto de intervenção.

Em linhas gerais, a pesquisa consistiu em observar criticamente os percursos de produção do livro e refletir sobre os desafios e as potencialidades do processo. As bolsistas leram textos teóricos e metodológicos, registraram suas impressões em diários de campo e elaboraram reflexões que, em breve, serão também publicadas. Além de contribuir para a produ-

ção de conhecimento na área de edição, esperamos que essa pesquisa também estimule e auxilie outras pessoas – docentes e discentes da educação básica, em especial – a fazer seus próprios projetos editoriais.

Estou convencido de que a prática da publicação (nos mais diversos suportes e meios) é uma das formas mais eficazes de permitir que pessoas pertencentes a diferentes grupos sociais deem suas contribuições ao debate coletivo. Então, ao propor a publicação dos textos desses/as jovens em contexto escolar, pretende-se dar a elas/es a oportunidade de se tornarem sujeitos que assumem, por meio da linguagem, posicionamentos sobre o mundo em que vivem. A produção de textos na escola funciona, aqui, como mola propulsora para a formação de sujeitos sensíveis e críticos e para a constituição da autoria, entendida como singularidade criadora de universos sociais, culturais, afetivos e políticos mediados pelo texto.

O objeto *livro* representa, nessa perspectiva, não um mero instrumento de transmissão de conhecimento, mas um dispositivo de partilha de saberes, experiências e sensibilidades geracionais. Por figurar, nas sociedades letradas, como objeto privilegiado de disseminação e conservação do conhecimento legítimo, o livro assume neste projeto o papel preponderante de conferir, à voz desses/as jovens, o reconhecimento e a legitimidade que lhe são de direito.

* * *

Quero aproveitar este posfácio para agradecer algumas pessoas que foram essenciais nesse percurso, dando-nos todo o suporte necessário:

- à professora Elaine Martins, coordenadora da LED, e a toda a equipe da editora-laboratório, pelo apoio às atividades do Selo Barulho;
- às professoras Carla Barbosa Moreira e Mariana Jafet Cestari, líderes do Grupo de Pesquisa Discurso, Tecnologia e Circulação do Conhecimento (CEFET-MG/CNPq), interlocutoras importantes das minhas práticas de ensino, pesquisa e extensão;
- ao colega Wagner Moreira de Souza, da Biblioteca Universitária do CEFET-MG, pelo apoio na emissão dos ISBNs e na elaboração das fichas catalográficas;
- a Iuri Paglioto e Pollyanna Vecchio, servidores técnico-administrativos do Departamento de Linguagem e Tecnologia, pelo suporte às nossas atividades;
- à Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação (DPPG) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo fomento aos projetos de pesquisa de que este livro é fruto;
- ao professor James Goodwin Jr., que assina nosso prefácio;
- a Izabela Barreto e Samara Coutinho, que deram contribuições essenciais no início e no final do projeto, respectivamente;
- a todas as pessoas entrevistadas para este livro, pela generosidade dos relatos;
- por fim, e não menos importante, à turma de Equipamentos Biomédicos de 2023 e às editoras/organizadoras deste livro, por aceitar esse desafio de forma tão generosa e competente.

Essas parcerias reforçam a crença que dá origem a este trabalho: a de que não estamos vivendo o final dos tempos. Afinal, o que podemos fazer com essa

sensação generalizada de que tudo está se acelerando e desmoronando? Impulsionada pelas redes digitais e por novas formas de exploração do trabalho, nossa vida adquiriu ritmos frenéticos. Seguimos a todo vapor, mas pra onde? Somam-se a isso os desastres ambientais, as guerras, os autoritarismos e os extremismos, que dão ao tempo presente cores um tanto apocalípticas.

Quero acreditar que ler, escrever e fazer livros são gestos possíveis contra a aceleração, a ignorância e o embrutecimento. Quando um livro é publicado, criam-se novas promessas de partilha do mundo.

A voragem das redes, a exaustão do trabalho e as catástrofes do mundo tentam nos mortificar e silenciar. Na contramão, façamos barulho: façamos livros.

BARULHO

O Selo Barulho é uma proposta editorial que surge do trabalho de um grupo de docentes da área de Língua Portuguesa do CEFET-MG. Dando-se conta do potencial de criação e construção autoral nos cursos de ensino médio e técnico da instituição, decidiu-se pôr em prática propostas pedagógicas que pudessem desembocar na publicação dos textos desses/as jovens estudantes. Ao integrar o ensino em nível médio e técnico, o ensino superior e a extensão, o Selo busca proporcionar às pessoas participantes uma experiência pedagógica significativa e contextualizada, reafirmando o papel da linguagem como instrumento de práticas cidadãs e a publicação como modo privilegiado de participação dos jovens nos debates de interesse público.

**Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
(CEFET-MG)**

Diretora-Geral

Vice-Diretor

Carla Simone Chamon

Conrado de Souza Rodrigues

Departamento de Linguagem e Tecnologia

Chefe

Chefe Adjunta

Sérgio Roberto Gomide Filho

Ana Elisa Ribeiro

Bacharelado em Letras - Tecnologias de Edição

Coordenadora

Coordenadora Adjunta

Joelma Rezende Xavier

Mariana Jafet Cestari

LED: editora-laboratório do curso de Letras

Coordenadora

Vice-coordenadora

Elaine Amélia Martins

Ana Elisa Ribeiro

Comissão Editorial

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Prof. Dr. Rogério Barbosa da Silva

Prof. Dr. Wagner Moreira

Conselho Editorial

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFMS, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (UNI-BH, Brasil)

Prof. Dr. Mário Vinícius Ribeiro Gonçalves (CEFET-MG, Brasil)

Projeto *Um bocado temporal*

<i>Coordenador de projeto</i>	José Muniz Jr.
<i>Preparação de originais</i>	Izabela Barreto Nicoly Oliveira Rocha
<i>Projeto gráfico e diagramação</i>	José Muniz Jr. Nicoly Oliveira Rocha Luiza Diniz
<i>Revisão de provas</i>	Luiza Diniz
<i>Ilustrações</i>	Nicoly Oliveira Rocha
<i>Produção gráfica</i>	Samara Coutinho José Muniz Jr.

LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo. <https://www.led.cefetmg.br/>

B664

Um bocado temporal/ Nicoly Oliveira Rocha, Luiza Diniz (edição e organização). Belo Horizonte: LED, 2024.

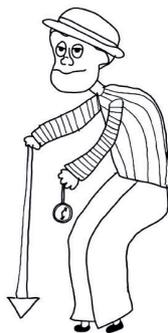
Selo Barulho 152 p.

ISBN: 978-65-87948-52-2

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD: B869.1

Este livro foi composto no Adobe InDesign com as fontes Adlery Pro, Cambria e Roboto. Ganhou uma versão impressa em papel Pólen Bold 90 g/m² (miolo) e Cartão Supremo 250 g/m² (capa), a cargo do Ás papel – laboratório de criação em papel (tiragem artesanal de 3 exemplares) e da gráfica Formato (tiragem de 100 exemplares), no segundo semestre de 2024.



Juza Mehanna

Pring Jolisa

MIZHANI

[Red scribbled signature]

Evy
MUNIZ

CLARA

[Stylized geometric symbols]

M. Clara B.T

Tayane Lúcia



Gabriel

Nicely
COM CARTELO

PIZZA

GABRIEL

Mateus G.

PIZZES

**O que é o tempo para você?
Bom, para a turma 2023 de
Equipamentos Biomédicos
do CEFET-MG, a resposta não
foi unânime. O tempo é tudo e
nada ao mesmo tempo. Há quem
diga que só existe porque precisamos
dele. Há quem diga que ele é a causa de
todas as nossas angústias e a cura de todas
as mágoas. Neste livro, você vai descobrir
novos autores, chorar, rir, pensar e pensar
de novo. Seja bem-vindo(a) ao
nosso temporal!**

ISBN 978-65-87948-52-2

DPPG
Diretoria de Pesquisa
e Pós-Graduação

